



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Curso de Audiovisual

GUSTAVO SOUTO DE ALMEIDA

UnB e nós:
uma sinfonia urbana.

Brasília, DF
2025

GUSTAVO SOUTO DE ALMEIDA

UnB e nós:
uma sinfonia urbana.

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Ribeiro de Aguiar Santos.

Brasília, DF
2025

GUSTAVO SOUTO DE ALMEIDA

UnB e nós: uma sinfonia urbana

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Ribeiro de Aguiar Santos.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Denise Moraes Cavalcante

Prof. Me. Carlos Henrique Novis

Prof. Dr. Maurício Gomes da Silva Fonteles (Suplente)

Projeto aprovado em ____/____/____

Brasília, DF
2025

Dedico este trabalho de conclusão de curso à minha família, que desde meu primeiro suspiro me apoia incondicionalmente, ao meu pai e minha mãe, que estão dia após dia cuidando e zelando por mim, ao Kaiser, que todos os dias aguarda pelos nossos momentos de passeio e carinho e me recebe ao chegar em casa com amor estratosférico, às minhas plantas, que me ensinam a ter paciência e temperam minha vida com cores, fragrâncias e sabores incríveis, às minhas amizades, todas que passaram e marcaram minha vida, por trazer felicidade, amor, e por estarem ao meu lado em momentos que carregarei em memórias até meu dia final, aos professores e professoras da Faculdade de Comunicação, que iluminaram meu intelecto com conhecimento, em especial Sérgio Ribeiro, que acolheu este projeto e me orientou rumo a um excelente trabalho e, por fim, à UnB e à Faculdade de Comunicação, locais onde obtive título de bacharel.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente ao professor Armando Bulcão, o qual me apresentou a magia das sinfonias urbanas durante o componente curricular Análise do Filme;

Agradeço às minhas queridas amigas Rodrigo Nery, Pedro Zeus, Otávio Mota, Tomás Augusto, Lara Caroline, Sasha, Jye, Sanchez, Luara, Gustavo Wagner, Alê, Leona, Mat e Akihiko.

Agradeço a minhas queridas tias Sarah, Chá, Sílvia, padrinho Cláudio, tio Jê, prima Rebeca, primo e colega de curso Mateus, prima Marília, primo Pedro, tio Aristeu, tio Tomás, tio Alisson, tia Waldecy, vó Guia, vó Arcângela, a qual nunca conheci, mas sei que me guiou nessa trajetória, vô Divino e vô Greg.

Agradeço ao Kaiser por desde 2017 me entregar amor infinito e aceitar também meu amor, por me receber cheio de carinho e, além dele, minhas plantas por também fazerem dessa casa um lar.

Agradeço finalmente ao professor Sérgio Ribeiro, por acolher e apoiar o projeto nesta orientação rumo a uma excelente conclusão de curso.

Para assistir ao documentário basta clicar [aqui](#);

Ou, se preferir, está disponível no link do [apêndice 7.3](#)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – saída ICC norte	26
Figura 2 – pilares do CASESO	26
Figura 3 - laboratório de ciências	27
Figura 4 - muralha de árvores BCE	28
Figura 5 - pombo plano	28
Figura 6 - titanossauro visto de cima.....	29
Figura 7 - flores e formiga.....	30
Figura 8 - encontro de gatinhos.....	31
Figura 9 - laboratório de plantas.....	31
Figura 10 - happy hour temático: Halloween	32
Figura 11 - fluxos pro happy hour	33
Figura 12 - chuva no Centro Comunitário.....	34
Figura 13 - panorama do evento	35
Figura 14 - objetos em movimento	36
Figura 15 - a verdade	36
Figura 16 - maquete da UnB	37
Figura 17 - laguinho do Beijódromo.....	38
Figura 18 - carro e parede vermelha	38
Figura 19 - passarinho da Concha Acústica	39
Figura 20 - trabalhador do CET	40
Figura 21 - linhas da FE	40
Figura 22 - Espiral do RU	41
Figura 23 - caminhos do RU.....	42
Figura 24 - batalha e arte	43
Figura 25 - plateia da batalha	43
Figura 26 - saída intensa.....	44
Figura 27 - canto do IQ.....	45
Figura 28 - fonte do IQ	45
Figura 29 - há vida.....	46
Figura 30 - Ceubinho movimentado	47
Figura 31 - dois ônibus	47
Figura 32 - chegada à UnB.....	48

Figura 33 - passeio aéreo pelo CO.....	49
Figura 34 - passeio Reitoria RU	49
Figura 35 - timelapse RU.....	50
Figura 36 - ônibus solitário	51
Figura 37 - corredor vazio.....	51
Figura 38 - última parada	52
Figura 39 - HH junino	53
Figura 40 - sinuquinha no CA.....	54
Figura 41 - E-mail solicitando autorização para utilizar as músicas de SLSMusic ...	63
Figura 42 - E-mail resposta de SLSMusic	63
Figura 43 - Direct solicitando autorização para utilizar a música de TRASHXRL	63

SUMÁRIO

Resumo	190
1 Introdução	11
2 Referencial Teórico.....	14
2.1 Documentários: Conceitos e Estéticas.....	14
2.2 Sinfonias Urbanas: Conceitos e Estéticas	19
3 Desenvolvimento do Projeto: Memorial Descritivo	21
3.1 Pré-Produção.....	21
3.2 Produção: Recortes da Vida Universitária	24
3.2.1 Imagens cedidas.....	52
3.3 Pós-Produção	54
4 Considerações Finais.....	59
5 Referências	61
6 Filmografia	62
7 Apêndices.....	63
7.1 Solicitação e autorização para uso de músicas do artista SLSMusic	63
7.2 Solicitação para uso da música <i>Orquestra Maldita</i> do artista TRASHXRL ..	63
7.3 Link do documentário.....	64

RESUMO

UnB e nós: uma sinfonia urbana é um projeto experimental em Audiovisual que visita uma tradição centenária de fazer cinema, chamada de sinfonia urbana, e incrementa suas linguagens na produção de um documentário sobre a Universidade de Brasília, local onde o realizador deste projeto estudou entre 2018 até 2025 e possui profundo carinho.

Levantados os conceitos de documentário contemporâneo brasileiro, ética modesta, *modo poético* e *modo performático*, realizou-se um filme de aproximadamente 12 minutos que utiliza destas modalidades audiovisuais para experimentar artisticamente e afetivamente apreço pela UnB e sua relação entre área verde, plano educacional, arquitetônico e urbanístico.

Palavras-chave: sinfonia urbana, documentário contemporâneo brasileiro, ética modesta, *modo poético*, *modo performático*, documentário.

ABSTRACT

UnB and us: an urban symphony is an experimental audiovisual project that revisits a centuries-old tradition of filmmaking, called urban symphony, and enhances its languages in the production of a documentary about the University of Brasília, a place where the director of this project studied from 2018 to 2025 and has deep affection for.

By examining the concepts of contemporary Brazilian documentary, modest ethics, poetic mode and performative mode, a film of approximately 12 minutes was made that uses these audiovisual modalities to artistically and affectively experience appreciation for UnB and its relationship between green areas, educational, architectural and urban planning.

Keywords: urban symphony, contemporary Brazilian documentary, modest ethics, poetic mode, performative mode, documentary.

1 INTRODUÇÃO

UnB e nós: uma sinfonia urbana é um projeto experimental em Audiovisual que foi elaborado durante o segundo semestre letivo de 2024 e busca resgatar uma tradição centenária de fazer cinema, chamada de sinfonia urbana e, ao mesmo tempo, explorar duas formas diferentes de documentários. Inicialmente, por uma análise teórica, busca-se entender e conceituar o que são documentários e como se configuram as obras documentárias contemporâneas; na sequência, pesquisa-se o que são sinfonias urbanas; por fim, une-se elementos das sinfonias urbanas com documentários para então chegar ao resultado final do produto a qual este memorial descritivo se refere.

A escolha de documentário, como gênero cinematográfico do filme, parte de um fascínio pessoal do realizador por obras de não-ficção, ou seja, obras que têm como pressuposto principal estar e fazer parte do mundo real. A seleção da Universidade de Brasília (UnB) como palco deste filme se dá, sobretudo, por anos de vivência e convivência do realizador neste ambiente, admiração pela arquitetura e natureza da UnB, com foco no *campus* Darcy Ribeiro, onde o realizador estudou durante toda sua trajetória de primeira graduação.

O filme explora diferentes localidades deste *campus*, mais especificamente aquelas que, por algum motivo, seja estética visual, seja memória afetiva, seja por ser espaço de manifestação cultural e/ou artística, chamam a atenção do realizador.

Apesar de, tradicionalmente, documentários estarem associados a filmes com uma voz locutora que acompanha e explica as imagens perante o público e fazem entrevistas, *UnB e nós* abre mão destas tradições para experimentar diferentes formas de se fazer documentários.

O problema de pesquisa central deste trabalho foi o seguinte: de que maneira é possível incorporar linguagens de sinfonia urbana em um documentário que represente a Universidade de Brasília (UnB) e experimente linguagens do *modo poético*, *modo performático* (propostos por Bill Nichols), ética modesta (proposta por Fernão Ramos) e documentário contemporâneo brasileiro (a partir das obras de Consuelo Lins Cláudia Mesquita; Francisco Elinaldo Teixeira)?

Para exaltar espaço no qual o realizador esteve por mais de 5 anos de graduação, parte-se do pressuposto de que, enquanto estudante que visa alcançar o objetivo de bacharel em Audiovisual, a realização do documentário é justificada por

demonstração de domínio técnico de utilização de equipamentos de gravação, a exemplo de filmadoras cinematográficas, celulares e até mesmo câmeras portáteis estilo “GoPro”, além do domínio técnico de programas de edição de som e vídeo, a exemplo do *Adobe Premiere Pro 2025*, e, por fim, as escolhas artísticas e estéticas do filme a partir de literatura especializada demonstram domínio teórico acerca do universo temático deste trabalho.

O filme, antes de ser projeto pessoal, é uma ode à Universidade de Brasília, universidade com amplo espaço físico e harmonização com a natureza. Segundo a Secretaria de Meio Ambiente da UnB (SeMA):

A Universidade de Brasília possui uma área física de 48.187.459,13m² onde a área edificada circunda ampla área verde com cobertura vegetal arbórea (nativa e/ou introduzida) e arbustiva ou rasteira (gramíneas), bem como de vários jardins ornamentais. A Área verde contempla:

1. Áreas de proteção ambiental localizadas nos seus campi e na fazenda Água Limpa, assim como o caso do setor Arboreto, cujas atividades principais são voltadas para o ensino, pesquisa e extensão e a área da matinha do CO.
2. Áreas dos setores urbanísticos dos campi que delimitam as edificações e espaços internos e externos, tais como os jardins e praças, que proporcionam um ambiente agradável para estudos, contemplação e descanso. (SeMA, 2022).

Com este documentário, verifica-se, em grande parte, a relação entre o espaço geográfico e o espaço natural da universidade, bem como o processo de contemplação desta natureza, citado pela SeMA.

UnB e nós não só exalta a relação entre os espaços geográficos e naturais da UnB, mas também diferentes percepções e vivências sobre um complexo plano, que envolve âmbitos educacionais e arquitetônicos, o que é trazido por Paola Martins, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB:

Na dimensão arquitetônica, as estruturas organizacional e pedagógica estão engendradas em sua arquitetura. A construção do campus dá forma ao abstracionismo do projeto. O primeiro plano urbanístico para a nova universidade foi desenhado por Lúcio Costa. Em 1962, Costa apresenta a sua ideia da universidade, a partir do projeto organizacional de Darcy. No ano seguinte, Oscar Niemeyer realiza alterações no plano de Costa. Entre estas, a mais significativa foi aglutinar os Institutos Centrais de Ciências em uma única edificação: o ICC, nosso Minhocão. O gesto de Niemeyer introduz no Brasil um tipo edifício de vanguarda, inédito em universidades brasileiras, que vinha sendo adotado nos projetos de modernização e expansão das universidades europeias, a megaestrutura. Uma edificação em larga escala, multifuncional, flexível, que acolhe a impermanência da universidade. Em uma dimensão territorial, urbana, uma estrutura que ocupa uma posição central, articuladora dos edifícios do Campus Universitário Darcy Ribeiro, norteadora da sua constituição e agregadora da comunidade acadêmica. (Martins, 2023).

A UnB, especificamente o campus Darcy Ribeiro, é um espaço de grande afetividade por parte do realizador.

O plano educacional desta universidade, de unir em um espaço ensino, pesquisa e extensão, parte do pesquisador que dá nome ao campus e uma equipe composta de muitos cientistas e intelectuais brasileiros (Martins, 2023). Este plano, foi interpretado arquitetonicamente por Oscar Niemeyer como uma “uma estrutura de dois pavimentos, além do subsolo, dividida em três blocos: A, B e C”, as unidades acadêmicas seriam então ocupadas transversalmente ao edifício, de modo a conectar as unidades aos três blocos (Ibid, 2023). Apesar do desvirtuamento da ideia original causada pela ocupação militar no campus, o legado de Darcy ainda está presente nas “entranhas” da UnB e “marcas da passagem do tempo” (Ibid, 2023). *UnB e nós* investiga a partir de representação audiovisual estas entranhas e marcas da passagem do tempo.

Por fim, experimenta-se possíveis maneiras de resgatar as sinfonias urbanas, forma centenária de fazer cinema e a adequada ao contexto universitário, com imagens exclusivas e específicas da Universidade de Brasília. Algo inovador no curso de Audiovisual da UnB, uma vez que, até o primeiro semestre de 2024, não havia um único Trabalho de Conclusão de Curso de graduação desta natureza no repositório online de Comunicação Social – Audiovisual da UnB.

O objetivo central do projeto é a elaboração de filme documentário da Universidade de Brasília que utilize linguagens de sinfonias urbanas, além de métodos dos modos *poético* e *performático* propostos, linguagens da Ética Modesta, e ideais do documentário contemporâneo brasileiro para representar esta universidade.

Como objetivos complementares, têm-se a revisão de literatura acerca de documentários e revisão de literatura acerca de sinfonias urbanas.

A metodologia deste trabalho consistiu da seguinte forma: primeiro, visita-se algumas literaturas especializadas em documentários, são elas: *Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo*, de Consuelo Lins e Cláudia Mesquita; *Documentário no Brasil: tradição e transformação*, de Francisco Elinaldo Teixeira; *Introdução ao Documentário*, de Bill Nichols e; *Mas afinal... O que é mesmo Documentário?*, de Fernão Ramos. Todo este repertório foi utilizado para compreender melhor o que são documentários, quais diferenças existem entre um documentário e outro, quais as principais técnicas e linhas teóricas que envolvem esta forma de audiovisual, quais as principais linguagens de documentários mundiais,

sobretudo, brasileiros e exemplos práticos de filmes documentários. Em seguida, pesquisa-se também a partir de revisão de literatura sobre o que são sinfonias urbanas. Para isso, a dissertação de mestrado *Sinfonias Urbanas e suas Reverberações Contemporâneas*, de Thaís Itaboraí Vasconcelos e o artigo *Film-Photo – um Século de Sinfonias da Metrópole*, escrito por Fernanda Aguiar Carneiro Martins foram centrais para entender mais sobre esta forma centenária de fazer cinema, suas principais linguagens, as obras mais referidas. O mestrado de Vasconcelos foi fundamental para a compreensão de como esta tradição está presente em produções contemporâneas, no auxílio da produção de *UnB e nós: uma sinfonia urbana*.

No desenvolvimento, após coletadas informações sobre conceitos e estéticas de documentários e sinfonias urbanas, realiza-se o planejamento sobre como será o filme a qual este memorial se refere, com base na obra de Sérgio Soares: *DOCUMENTÁRIO E ROTEIRO DE CINEMA: da pré-produção à pós-produção*, utilizando um argumento simples e pouco detalhado acerca do filme, não compondo ainda os moldes de um roteiro. Na fase de execução do filme, o realizador utilizou da filmadora *Canon Vixia HF G70 UHD 4K*, a câmera portátil estilo “GoPro” *CERASTES Action Camera 5K* e a filmadora do celular *SAMSUNG A53*. Ainda durante esta etapa, o método empregado consistiu em elaborar formulários e difundi-los via *WhatsApp* (em grupos da Universidade de Brasília) e *Instagram* (na página oficial do filme @unbenosdoc) para que qualquer pessoa interessada em enviar uma filmagem que aconteça na UnB possa contribuir com o resultado final do filme — estratégia essa que segue ideais do documentário contemporâneo brasileiro, como será melhor destacado no capítulo 2 deste memorial.

Por fim, utilizando o programa *Adobe Premiere Pro 2025*, foi feita a pós-produção do filme, resultando no documentário *UnB e nós: uma sinfonia urbana*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Documentários: Conceitos e Estéticas

As produções audiovisuais que se intitulam ou são ditas por seus espectadores como documentários possuem “vitalidade de expressão, gama de vozes e popularidade impressionante” (Nichols, 2016, p 29) e estão em debate contínuo acerca de conceitos que delimitam esta forma específica de fazer cinema.

Inicialmente, resenha-se sobre a pergunta feita por Ramos: *Mas afinal... O que é mesmo Documentário?*. Este responde que “Documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo” (Ramos, 2008, p 22). Porém, uma problematização trazida tanto por Ramos quanto por Nichols é a de que filmes de ficção também podem estabelecer asserções sobre o mundo, a exemplo de *Bohemian Rhapsody* (2018), de Bryan Singer e Dexter Fletcher, longa que narra a vida do cantor Freddie Mercury e também *Cidade de Deus* (2002), obra que acompanha o personagem Buscapé na favela que dá nome ao filme. Há ainda obras de ficção que se passam por documentários, ou se utilizam da estética destes, como é o caso de REC (2007), que utiliza câmera caseira, imagens trêmulas e simulação de reportagem para reforçar estéticas documentárias. Diante disso, há alguns fatores que podem ser analisados para separar de maneira mais precisa documentários de ficção.

Em qual mundo este filme acontece? No caso da ficção, mundos alegóricos, alternativos, fantasiosos são criados para que, então, aconteça a narrativa. “Num mundo fictício alternativo, uma história se desenrola. Ao se desenrolar, ela inspira e gera temas sobre o mundo que realmente vivemos” (Nichols, 2016, p. 31). No caso do documentário, o mundo em que os acontecimentos são retratados é o mesmo mundo em que o escritor deste memorial e quem o lê vivem: o mundo histórico a qual pertencemos. Documentários não necessitam de criação de universos alternativos para contar sua história, uma vez que estes “referem-se diretamente ao mundo histórico” (Nichols, 2016, p. 31).

Quem são as pessoas que compõem a narrativa deste filme? Em filmes de ficção, geralmente têm-se na tela profissionais da atuação. Este ofício necessita que o “ator subordine seus traços individuais para representar um personagem específico [...] tudo isso requer treino e se funda em convecções e técnicas” (Nichols, 2016, p. 32). Enquanto que, em documentários, as pessoas que ocupam a tela com entrevistas ou são observadas são pessoas reais (não personagens), chamadas também de atores sociais. Ao contrário do ofício de atuar, aqui, a pessoa comum “expressa sua personalidade, seu caráter e traços individuais, em vez de suprimi-los para adotar um papel” (Nichols, 2016, p. 32).

Qual é a expectativa do espectador sobre este filme? “Não vemos *Star Wars* [...] em busca de asserções sobre o mundo. Vamos ao cinema para nos *entreter* com

um universo ficcional, conforme nos é proposto pela narrativa” (Ramos, 2008, p. 24). Apesar de a ficção também poder apresentar asserções sobre o mundo, ela não é a razão principal de um espectador ir ao cinema, ou ligar a TV em um canal de *streaming*, sendo o motivo principal o entretenimento. Um espectador de documentário consome este tipo de audiovisual em busca de asserções sobre o mundo, o entretenimento é uma possível consequência.

Como o autor classifica este filme? Filmes de ficção, mesmo que façam asserções sobre o mundo real assumem sua identidade de ficção, a exemplo de *O jogo da imitação* (2014) de Morten Tyldum, que narra a vida do pai da computação, Alan Turing. O filme, apesar de ser sobre uma pessoa que existiu e, portanto, sobre o mundo histórico, é de vários gêneros: drama, drama de época, drama psicológico, biografia, suspense e guerra, nenhum destes, documentário (classificações segundo o website IMDB). Enquanto que “em geral, a narrativa documentária chega já classificada ao espectador, seguindo a intenção do autor” (Ramos, 2008, p. 27).

Levando em consideração estes caminhos para separar documentário de ficção, e, para fins deste memorial, tem-se o seguinte conceito:

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia (Nichols, 2016, p. 37).

Embora esta definição seja necessária como ponto de partida, ela “mal esboça a distinção entre tipos diferentes de documentário” (Nichols, 2016, p. 153). Como dito ao longo deste capítulo, documentários são diversos. Desta maneira, é necessário elencar caminhos para delimitar o campo do documentário, categorizar e afunilar até alocar *UnB e nós: uma sinfonia urbana* em seu espaço adequado. Dentre as possibilidades categóricas, serão elencadas três: quanto ao movimento, quanto ao modo e quanto à ética.

Os movimentos cinematográficos “nascem quando indivíduos que compartilham o mesmo ponto de vista ou a mesma ótica juntam-se formal ou informalmente” (Nichols, 2016, p. 50). São diversos estes movimentos, a exemplo do Cinema Direto, Cinema Novo e *Free Cinema*. O movimento a qual o documentário *UnB e nós: uma sinfonia urbana* se identifica é o documentário contemporâneo brasileiro. Na produção documentária contemporânea verifica-se uma “proliferação

local e internacional dos espaços de exibição e circulação, dos festivais e mostras a ele dedicados com exclusividade, na variedade sem precedentes de formas e estilos propiciados pelas novas mídias, assim como no interesse e afluência crescentes do público” (Teixeira, 2004, p. 7), isso se deve ao:

[...] barateamento e [à] disseminação do processo de feitura dos filmes em função das câmeras digitais, e, especialmente, da montagem em equipamento não-linear. As vantagens técnicas, econômicas e estéticas dos equipamentos digitais sobre os analógicos permitem tanto a cineastas já consolidados quanto a jovens que se iniciam no documentário investir na realização de filmes a custos relativamente baixos (Lins, Mesquita, 2008, p. 11).

Uma das preocupações de asserção e representação nos documentários contemporâneos brasileiros – a principal do produto deste memorial – é a questão da voz do Outro. Este movimento tem preocupação em entregar espaço para que o próprio objeto de pesquisa do documentário coloque sua voz e sua visão na obra, como por exemplo a obra *O Prisioneiro da Grade de Ferro (Autorretratos) (2003)* de Paulo Sacramento, na qual “alguns dos prisioneiros do Carandiru são envolvidos na atividade de filmar, tornando-se cineastas aprendizes e cúmplices na realização do filme” (Lins, Mesquita, 2008, p. 39), há verificação também de processo semelhante no projeto Vídeo nas Aldeias, com proposta de fornecer a múltiplas populações indígenas instrumentos para realização de seus próprios documentários e trocas entre diversas populações (Lins, Mesquita, 2008, p. 41).

Infere-se que documentários contemporâneos brasileiros são obras realizadas no Brasil, a partir do advento de multiplicidade de plataformas, ferramentas de gravação, edição, avanço do digital sobre o analógico, novas possibilidades de reprodução e circulação. Em especial, a partir dos anos 1990, podendo ter atenção especial em dar espaço para que o Outro fale de si mesmo em processo de entrega e tutoria de equipamentos.

Quanto ao modo, Bill Nichols fala sobre seis principais: *modo poético*, *modo expositivo*, *modo observativo*, *modo participativo*, *modo reflexivo* e *modo performático* (Nichols, 2016, p. 52). Cada qual possui suas particularidades estéticas e, não necessariamente, um documentário possui apenas um modo em si, podendo ter dois ou mais modos incrustados em sua forma de asserção sobre o mundo. *UnB e nós...* segue ideais do *modo poético* e também *modo performático*.

No *modo poético*, muitas vezes, o documentarista não trata de pessoas específicas e de suas particularidades mais individuais, aqui há maior distanciamento entre o autor e aquilo que se representa. Há também rompimento com formas mais tradicionais de se fazer documentário, aquelas nas quais uma voz narra os fatos, ou então presença de entrevistas para construir a asserção que se faz sobre o mundo; o *modo poético*:

Sacrifica as convenções da montagem em continuidade e a sensação de localização específica no tempo e no espaço derivada dela. [...] Esse modo explora associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais. Os atores sociais raramente assumem a forma vigorosa de personagens com complexidade psicológica e visão específica do mundo. As pessoas funcionam, mais caracteristicamente, em igualdade de condições com outros objetos, como matéria-prima que os cineastas selecionam e organizam em associações e padrões escolhidos por eles (Nichols, 2016, p. 170).

Como exemplo, Nichols traz o filme *Pacific 231* (1949), de Jean Mitry. Neste filme o espectador acompanha um trem saindo da base e diversos processos envolvidos nessa atividade. Nesta obra a maneira de asserção sobre locomotivas reforça que padrões visuais, ritmo e a forma poética vale mais no *modo poético* do que uma explicação detalhada do funcionamento do trem utilizando artifícios de voz e entrevistas (Nichols, 2016, p. 170) deste modo de documentário.

O *modo performático*, por sua vez, está diretamente ligado com o eu do realizador. As visões pessoais de mundo do objeto de investigação do documentário são de suma importância para as asserções feitas no filme. Neste modo, há interesse em explorar eventos que fazem parte do universo pessoal daquilo que se investiga, em tal nível que “entra nesses filmes um tom autobiográfico [...]”. Os filmes performáticos dão ainda mais ênfase às características subjetivas da experiência e da memória” (Nichols, 2016, p. 208). Por exemplo, o filme *Valsa com Bashir* (2008), de Ari Folman, evoca as memórias do diretor, um veterano israelense acerca da Guerra do Líbano, nos anos 1980. A utilização do artifício de ritmo, cores e sons reforçados por um filme em animação “envolve-nos totalmente na experiência da guerra como um pesadelo desorientador, surreal” (Nichols, 2016, p. 211).

Tanto o *modo poético* quanto o *modo performático* utilizam para suas asserções associações visuais, montagem não linear, evocações poéticas e afetivas como forma de transmitir conhecimento e negam apresentação de argumentos em montagem linear, entrevistas, voz narrando os acontecimentos (embora um documentário poético

e/ou performático possa utilizar estes artifícios, já que dificilmente um documentário é exclusivamente de um único *modo*). Estas escolhas são base para levantamento essencial nestas formas de fazer documentário: o que é realmente o conhecimento? (Nichols, 2016, p. 206).

Quanto aos tipos de ética, Ramos descreve quatro: *ética educativa*, *ética da imparcialidade/recuo*, *ética interativa/reflexiva* e *ética modesta*. As éticas estão diretamente ligadas com a questão da voz no documentário, sendo que a ética a qual o produto deste memorial se inspira é a *ética modesta*. Resumidamente, esta ética de fazer documentário não busca asserções de temáticas “grandiosas” em relação ao tamanho do realizador. Exemplo, um estudante que está em sua primeira graduação na Universidade de Brasília não vai produzir documentário que investiga relações comerciais entre os possíveis novos países que querem se juntar aos BRICS, é um tema enorme comparado ao pequeno tamanho do eu do realizador, que é modesto.

Os objetos de interesse do sujeito modesto estão no “horizonte que lhe cerca” (Ramos, 2008, p. 38) e podem ser “questões sociais pontuais que envolvem seu ego” (Ibid., p. 39). Um outro ponto fundamental desta forma de ética é a possibilidade de abandono da primeira pessoa e a abrangência para uma “narrativa extremamente fragmentada, centrada em impressões fugazes do mundo” (Ibid., p. 39).

Assim, afirma-se que o documentário *UnB e nós: uma sinfonia urbana* inspira-se no documentário contemporâneo brasileiro, *modo poético*, *modo performático* e *ética modesta* para realizar asserções sobre a Universidade de Brasília. Apesar dessa inspiração, é necessário citar que “as categorizações refletem opinião pessoal, não uma medida exata” (Nichols, 2016, p. 163). Portanto, este é entendimento do realizador, cabe quem assiste ao produto sua própria percepção.

2.2 Sinfonias Urbanas: Conceitos e Estéticas

Sinfonias urbanas, podendo ser chamadas também de sinfonias da cidade ou sinfonias da metrópole são filmes de um gênero cinematográfico em debate comumente associado a curtas, médias e longas-metragens que datam dos anos 1920, realizadas, sobretudo, na Europa, em especial, Alemanha, Rússia e França, mas, também, com registro de produções em locais como EUA e Brasil.

Neste período, a Europa vivenciava momento de transformação da arte, processos de mudança nas cidades, o avanço de grandes e industrializados centros urbanos.

O cinema, linguagem recém-inventada (final do século XIX), atraiu indivíduos de áreas diversas do fazer artístico, sendo que, muitos desses, enxergaram, nas metrópoles em expansão, oportunidade de experimentar a tecnologia das filmadoras. Infere-se, a partir de Fernanda Martins, no artigo *Film-Photo – um Século de Sinfonias da Metrópole* que:

No início do século 20, é notável examinar o empenho dos mais variados artistas, fotógrafos, cineastas e documentaristas, ao buscar dar conta da vida na grande cidade e, conseqüentemente, das novas formas de percepção, acompanhando as inovações tecnológicas. [...] fenômeno esse que se dá em diversos domínios artísticos, tais como a pintura, a literatura, a fotografia e o próprio cinema. (MARTINS, 2020, p. 1).

Embora diferentes obras deste gênero sigam escolas vanguardistas, a exemplo de *Berlim - Sinfonia da Metrópole* (1927 - Walter Ruttmann), que é associada à Nova Objetividade; *Somente as horas* (1926 - Alberto Cavalcanti), Surrealismo; e *Um homem com uma câmera* (1929 - Dziga Vertov), Construtivismo, todas essas obras são associadas ao gênero das sinfonias urbanas e são “uma forma de expressão inédita, enquanto via de acesso à realidade, enquanto registro documentário e modo de conhecimento” (Martins, 2020, p. 9). Por mais que cada produção tenha influência de diferente escola vanguardista, há semelhanças estruturais que corroboram para adequar estes filmes no mesmo gênero. Thaís Vasconcelos (2022, p. 8) as destaca: estruturas semânticas – a temática da cidade e seu ritmo; estruturas sintáticas – a narrativa do passar do dia, a montagem rítmica e associativa.

Fernanda Martins (2020, p. 3), por sua vez, cita o intertítulo do filme *24 Dollar Island — A Ilha de 24 Dólares —* (1927 – Robert Flaherty): “Entenda que estou falando de um filme no qual Nova Iorque é o personagem principal, não de um filme no qual indivíduos são retratados, o que faria de Nova Iorque um mero fundo para uma história. Estou falando de um filme em que Nova Iorque é a história”. Deste modo, enquanto a cidade geralmente é retratada com maior preocupação, a população local nada mais é do que um pedaço da cidade. Não são motivos de preocupação a história pessoal ou mais íntima de cada pessoa que aparece em tela.

Uma das primeiras idealizações deste tipo de fazer filme é uma espécie de roteiro do cineasta László Moholy-Nagy, o qual nunca chegou a ser gravado. Chamado

de *Dinâmica da Metrópole*, pode ser reconhecido inclusive como um “roteiro manifesto” (Martins, 2020, p. 5) para filmes que viriam a ser produzidos e adequados como sinfonias urbanas.

Moholy-Nagy faz um comentário sobre seu roteiro que é essencial para o entendimento de filmes que fazem parte deste movimento:

A intenção do filme *Dinâmica da Metrópole* não é ensinar, moralizar, nem contar uma história; seu efeito é construído para ser visual, *puramente* visual. Os elementos do visual não possuem entre si uma conexão lógica absoluta; suas relações fotográficas e visuais, contudo, os fazem unir em uma associação vital de eventos no espaço e no tempo e trazer o espectador ativamente para a dinâmica da cidade (Martins, 2020, p. 5 *apud* Moholy-Nagy, 1973, p. 122).

Apesar de o manifesto apresentar ideais de não moralizar e não contar uma história, o filme *Somente as Horas* (1926), de Alberto Cavalcanti, “carrega uma forte visão política, recusando-se ao registro usual do glamour da burguesia e da cidade “cartão-postal” de grandes monumentos” (Vasconcelos, 2022, p. 58). E, nesta sinfonia urbana de Paris, o espectador, por vezes, acompanha quatro personagens, que são vividos por atores profissionais e não sociais (Ibid., p. 60). Nota-se que, assim como em produções documentais, as sinfonias urbanas não possuem estruturas muito bem definidas e imutáveis, elas são maleáveis e flexíveis.

Como exemplo, o filme *Berlim - sinfonia da metrópole* (1927) de Walter Ruttmann, difere da obra de Cavalcanti na quantidade de atos; *Berlim* tem cinco atos, enquanto *Somente as Horas* não. A estrutura em cinco atos é vista como “uma das principais marcas do gênero” (VASCONCELOS, 2022, p. 65).

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

3.1 Pré-Produção

A pré-produção, etapa de idealização da obra documentária, muitas vezes varia de filme para filme. A formulação inicial de ideias, questão financeira, roteiros, etapas de produção, tudo isso é bastante flexível e vai de acordo com o projeto. “Se existe uma coisa que você precisa em seu kit de sobrevivência, essa coisa é flexibilidade” (Soares *apud* Swain, 2007, p. 75). Para descrever melhor esta etapa, Sérgio Soares (2007) traz ideais estadunidenses e ingleses de documentário. Dentre estas ideias, destaca-se a de *proposal*, termo em inglês que têm diversas traduções, algumas

delas, trazidas pelo Google Tradutor: proposta, sugestão, oferta. Todos termos se referem a uma idealização inicial, no caso, de documentários. Resgatando conhecimentos do capítulo anterior, sabemos que documentários fazem asserções sobre o mundo real. Desta forma, *proposal* diz respeito sobre o objeto de investigação do documentário e como será feita a investigação e apresentação de asserções sobre o objeto. Soares argumenta também que estes textos geralmente são uma venda para produtoras interessadas em realizar esta obra. Portanto, “o proponente deverá saber atrair o interesse para o projeto, bem como chamar a atenção para sua importância, se valendo de poucas páginas de texto escrito” (Soares, 2007, p. 76). Pela particularidade do documentário *UnB e nós: uma sinfonia urbana* ser totalmente financiado pelo próprio realizador, não houve a elaboração de um *proposal* como descrito por Sérgio Soares. O mais próximo de um *proposal* que *UnB e nós* possui é o capítulo introdutório deste memorial, no qual descreve o objeto investigado, estratégias de investigação e razões de investigação.

Soares cita o pesquisador de documentário Alan Rosenthal e elenca 8 tópicos pertinentes para um *proposal* (Soares *apud* Rosenthal, 2007, p. 78). Para fins deste trabalho, serão apresentados os tópicos 3 e 4.

O tópico 3 é emaranhado de perguntas, relatadas a seguir.

“Qual a maneira ou quais as maneiras mais adequadas para se abordar o assunto?”. Para responder esta pergunta, investigou-se diferentes literaturas acerca de documentários e sinfonias urbanas, como descrito no capítulo 2 deste memorial. A representação mais aproximada possível do que é viver a Universidade de Brasília que se busca neste documentário foi feita a partir de ótica dos modos *performático* e *poético* descritos por Bill Nichols e trazidas no capítulo anterior. Ao mesmo tempo em que se busca colocar todos objetos, pessoas, animais, estruturas, plantas, etc. em um mesmo nível de relevância para obra (*modo poético*), busca-se mostrar como é estar no corpo de alguém que vive a UnB. O realizador é estudante universitário em TCC desta universidade e traz experiências de viver este ambiente (*modo performático*). A utilização de linguagens de sinfonia urbana reforça os ideais performático e poético deste documentário e também a temática de vida em uma metrópole.

“Qual o ponto de vista ou quais os pontos de vista contemplados no filme?”. Do realizador, por meio de suas filmadoras pessoais e celulares, mas, também, qualquer pessoa interessada em mostrar sua visão da UnB, com o envio de vídeos via e-mail ou, então, via *drive* no formulário disponibilizado pelo realizador em outubro de 2024.

“Haverá conflito entre os depoimentos?”. Uma particularidade deste documentário é não utilizar entrevistas nem *voice-over* para fazer asserções sobre o objeto investigado, mas, sim, associação poética entre imagens e sons. As imagens, por vezes, serão conflituosas: em um momento vê-se imagem muito preenchida por elementos diversos, em outro, imagem basicamente vazia, contemplando poucos elementos em cena.

“Como o filme será estruturado, quais serão as principais sequências e como elas estarão alinhadas?” *UnB e nós* segue ideais de sinfonia da metrópole e terá 5 atos, sendo eles: 1) chegada à UnB e começo do dia: aqui, mostra-se como diferentes corpos chegam para as atividades universitárias. 2) natureza não humana que cerca este ambiente: aqui serão representadas as outras vidas que frequentam este ambiente, pássaros, gatos, plantas etc.; seres humanos e estruturas construídas por estes também aparecerão neste ato, mas em quantidade reduzida. 3) pausa para o almoço, trabalhos humanos, momentos de descanso, deslocamentos na UnB: este ato dará prioridade ao fluxo diverso de pessoas em momento de almoço e em seguida descanso, lazer e/ou retorno para atividades após o almoço e momentos vespertinos. 4) vida noturna da Universidade de Brasília, apresentação de três atividades culturais noturnas: Batalha da Escada, calourada e *happy hour*; neste ato representa-se, com prioridade, o modo performático do realizador, sobre como é estar no corpo de alguém que frequenta estes eventos culturais noturnos. 5) o ato de despedida: aqui será representado o fluxo de saída dos corpos humanos da UnB, cenas noturnas de ônibus, carros, e fluxos a pé de pessoas serão retratados. Assim se encerra o curta.

“Qual é o estilo de tratamento de som e imagem?”. O som não contempla a diegese, ou seja, não parte dos elementos do filme, mas, sim, uma trilha musical pensada especificamente para cada um dos atos. As imagens serão tratadas conforme o ato específico. Cada ato possui uma intensidade e a forma com que o som e a imagem estarão presentes nos atos refletirá isso. Ato 1, médio intenso; ato 2, intenso; ato 3, pouco intenso; ato 4, bastante intenso e; ato 5, pouco intenso.

O tópico 4 diz respeito ao cronograma de filmagem. *UnB e nós* possui a particularidade de ser gravado ao longo de três meses: outubro, novembro e dezembro de 2024 no campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília – no caso de imagens feitas pelo realizador. As diárias específicas de gravação estão melhores descritas no subcapítulo 3.2.

Não há planejamento prévio quanto à data específica para cada dia de filmagem, nem mesmo uma quantidade específica de diárias foi pré-estabelecida. O intuito era utilizar três meses e aproveitar a proximidade física do realizador ao objeto de estudos e capturar o máximo de conteúdo possível. Apenas nas quartas e quintas-feiras, no período noturno, que se possuía um objetivo específico: gravar Batalha da Escada ou *happy hour*.

Ainda dentro da etapa de pré-produção, houve a criação de uma página no Instagram – @unbenosdoc, com intuito de ajudar na divulgação do projeto. A criação de formulário de envio de filmagens para qualquer pessoa interessada em participar do projeto via *Google Forms*, o qual foi divulgado pelo Instagram e também difundido via *WhatsApp* para grupos e comunidades da Universidade de Brasília.

Durante essa etapa também foi feito o contato com um operador de *drone*, para fazer algumas imagens aéreas da Universidade de Brasília.

3.2 Produção: Recortes da Vida Universitária

As filmagens realizadas durante o período de outubro, novembro e dezembro de 2024 podem ser enquadradas no que Sérgio Soares chama de eventos autônomos. Segundo o autor, neste tipo de filmagem, não há controle total do espaço cenográfico; em documentários as filmagens feitas fora de estúdios ou, especificamente, em ambiente público, não possuem o mesmo controle dos eventos como em produções de não-ficção. “A ação tende a escapar dos limites do enquadramento da câmera, a correr por fora, fazendo com que o registro da câmera muitas vezes se torne incompleto, fragmentado” (Soares, 2007, p. 144).

O documentário *UnB e nós* está alinhado com estas estéticas trazidas por Soares. Não há roteiro, apenas alguns ideais de que cenas gostaria de gravar e onde gostaria de gravar. Assim, a produção deste documentário está ligada a eventos autônomos, contando, exclusivamente, com atores sociais.

A falta de planejamento e de roteiro sólido, bem estabelecido e direcionado acarreta no que Soares chama de escrever com a câmera. Pelo documentarista estar mais ao acaso do que ao planejado durante as gravações, uma vez que ele não detém controle sobre as ações dos atores sociais envolvidos no que se quer gravar, o filme acaba sendo escrito no momento da própria gravação, isso tem como consequência “que a experiência de filmagem se transforme em um processo de criação

instantânea, de construção de um repertório de imagens marcada por uma interpretação de mundo feita pelo cinegrafista” (Soares, 2007, p. 150).

Como citado no subcapítulo anterior, não houve planejamento sobre diárias específicas. Em dias aleatórios, o realizador deste TCC foi à UnB para gravar conforme impulso momentâneo de qual ato este momento específico de gravação iria contemplar. Ao decorrer deste subcapítulo, serão descritos objetivos específicos de cada dia e também algumas filmagens que acabaram sendo utilizadas no produto final.

22/10/2024 – O primeiro dia de gravações aconteceu no Instituto Central de Ciências (ICC/Minhocão) e na área verde que fica entre o Minhocão e a BCE, a Reitoria e o Beijódromo.

A ideia deste dia parte do *modo poético*: colocar as pessoas em um mesmo nível, ou até menos relevância que a estrutura física da universidade e as outras formas de vida que estão neste ambiente. De modo geral, o objetivo foi atingido, muitos planos são mais abertos, acompanham fluxos de pessoas e as colocam sem muita relevância para a história além de estar ali de passagem, mostram a grandiosidade da natureza e da estrutura física na UnB, possuem múltiplas informações visuais. Há, contudo, alguns planos que fecham mais na personagem em cena e a acompanha – em sua maioria, pássaros e gatinhos. Há planos também que mostram carros parados e grafites nas paredes.

Um plano que captura muito bem uma das propostas estéticas centrais foi chamado pelo autor de “saída ICC norte”. Este plano é estático, o movimento em cena é decorrente das próprias atrizes e atores sociais.

Nota-se fluxo de pessoas indo em direção à saída (ou entrada, depende do ponto de vista) do ICC norte, indo para o Ceubinho e vice-versa, pessoas que passam por trás do ponto de ônibus do Pavilhão Anísio Teixeira (PAT), carros que passam na pista entre o ICC norte e o PAT. São múltiplas informações de fluxo, cores e formas. Este plano está em momento específico no qual a música ganha maior intensidade, casando com a imagem que contém múltiplas informações.

Figura 1 – saída ICC norte



Fonte: arquivo pessoal

Semelhante a este, o plano “pilares do CASESO”, mostra um corredor do ICC, região onde várias linhas geométricas dividem fragmentos de acontecimentos.

Figura 2 – pilares do CASESO



Fonte: Arquivo Pessoal

Há uma árvore na esquerda da imagem que parece não respeitar as divisões que o concreto da UnB fez, e, ao lado direito da imagem pode-se perceber o CASESO.

Fluxo de pessoas ao fundo da imagem faz contraste com a parte da frente da imagem, onde não há movimentação, com exceção das plantas por ação do vento.

Outro plano de destaque é o “laboratório de ciências”, aqui, em poucos segundos, imagem trêmula e levemente desfocada mostra este laboratório, mas uma máquina que destoa completamente da cena leva destaque.

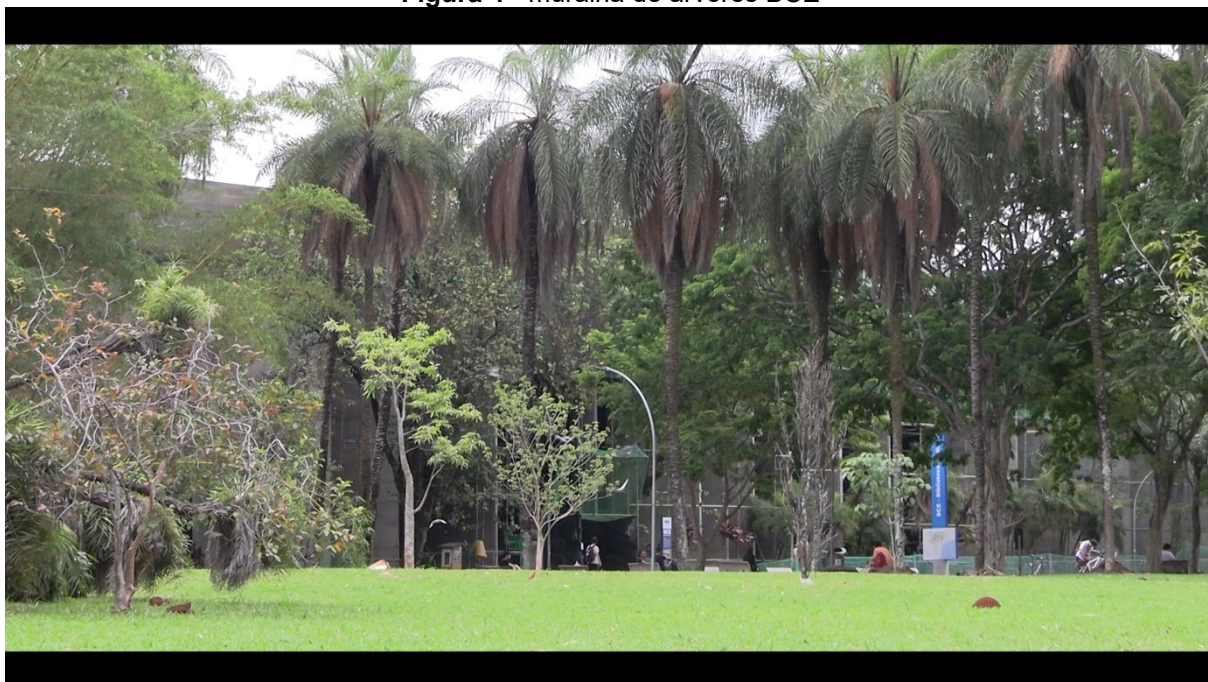
Figura 3 - laboratório de ciências



Fonte: arquivo pessoal

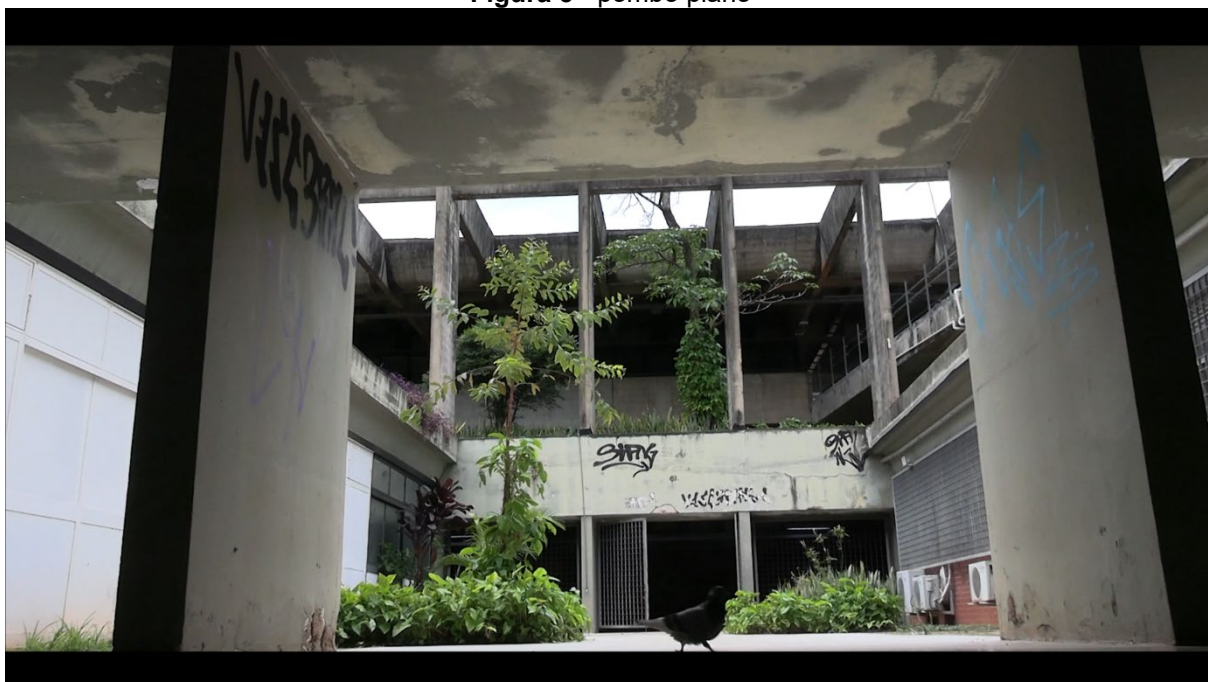
Enquanto tudo na sala está parado, este aparelho movimenta-se em vai e vem. Ganha assim atenção, ao mesmo tempo em que a filmagem tremida e sem foco distrai essa atenção.

A questão da natureza e estrutura física colocar nós humanos como mínimos é bem representada no plano “muralha de árvores BCE”. Aqui, é possível ver várias árvores que preenchem o espaço do plano, pedaços da estrutura física na biblioteca são vistos por trás dos vegetais, pessoas passando no quadro são pequeníssimas em relação as enormes árvores, que são, neste plano, maiores que a BCE. O plano referido forma um contraste bastante adequado que segue ideais do modo *poético*, enquanto que as árvores são imensas e, portanto, ganham destaque em cena, as pessoas possuem para este plano em questão uma relevância menor. Alguns pombos voam e ganham destaque em cena, mais mesmo do que qualquer ser humano neste enquadramento.

Figura 4 - muralha de árvores BCE

Fonte: arquivo pessoal

O melhor enquadramento deste dia, em minha opinião, foi “pombo plano”. Neste, é interessante notar como há basicamente duas fontes de linhas verticais: as pilastras do ICC e árvores. Duas árvores ganham destaque, uma delas, com sua base no subsolo do Minhocão e parece terminar no teto da Universidade. A outra, com base no térreo da UnB, é maior que o quadro.

Figura 5 - pombo plano

Fonte: arquivo pessoal

Ela é sobreposta pelo teto do ICC, porém é perceptível como aponta para fora do plano, causando uma sensação de ser maior que o Minhocão. Há movimentos leves nas plantas, pela força do vento e, há um pombo e no quadro, o qual traz movimentos mais intensos, ainda que leves. As cores do pombo são semelhantes às cores do ICC, cinza, com listras pretas, iguais os grafites das paredes.

28/10/2024 – No dia do servidor público, feriado sem expediente na UnB (o que não ocorreu de forma unificada, uma vez que haviam aulas acontecendo neste dia de gravação), gravou-se o Instituto de Biologia (IB), um dos locais mais bonitos, na opinião do realizador, de toda a UnB. O instituto apresenta uma arquitetura bonita, segue ideais da UnB de concreto e formas geométricas muito bem definidas, mas destoa do ICC e de outras construções desta universidade, ao apresentar características únicas.

Aqui, a questão da união da natureza e o contraste com o cinza do concreto é ainda mais evidente. Novamente, ideais do *modo poético* foram abordados. O objetivo é colocar natureza, cidade e personagens humanos e animais em uma mesma condição de relevância. Paisagens do IB foram gravadas em planos mais abertos e também mais fechados. Há alguns planos detalhes de plantas.

Figura 6 - titanossauro visto de cima



Fonte: arquivo pessoal

O IB é um local recheado de estratégias comunicativas para transmitir ali mesmo e de forma bastante didática alguns pontos de pesquisa desta unidade

acadêmica. Por exemplo, o plano “titanossauro visto de cima”, revela ossos que estão sendo conservados e estudados por estudantes do IB de um titanossauro, encontrado em Marília – SP. Estes ossos estão dispostos à céu-aberto em espaço público, no qual qualquer pessoal pode ir e vir, e, caso tenha interesse, parar para apreciar e ler mais sobre o titanossauro.

Outro plano detalhe de destaque é “flores e formiga” que retrata exatamente flores bem de perto, mas não tão aproximadas, sendo possível ver um pouco do redor delas. Há uma formiga que caminha nesta planta, trazendo dinamismo para a imagem, que, apesar de ser muito parada, é guiada pelos ventos que arrastam o vegetal.

Figura 7 - flores e formiga



Fonte: arquivo pessoal

“Encontro de gatinhos” traz uma reunião de três personagens frequentes da Universidade de Brasília: os gatos que ali vivem. Inicialmente, acompanha-se um gato preto que parecia planejar escalar uma árvore. Esta expectativa é quebrada quando ele sai de perto do tronco e corre para o lado direito do enquadramento. Eis que vemos então dois gatinhos somado ao primeiro, totalizando três. Dois são pretos e um é alaranjado. Perto dos gatinhos estão alguns carros enormes, possíveis caminhonetes, fazendo contraste entre o tamanho da máquina e o tamanho dos seres vivos.

Figura 8 - encontro de gatinhos

Fonte: arquivo pessoal

Há filmagens que claramente mostram o realizador em cena, embora de maneira não muito nítida por este estar no reflexo de um vidro. É o caso de “laboratório de plantas”, no qual é filmado uma espécie de estufa que contém diversidade de plantas.

Figura 9 - laboratório de plantas

Fonte: arquivo pessoal

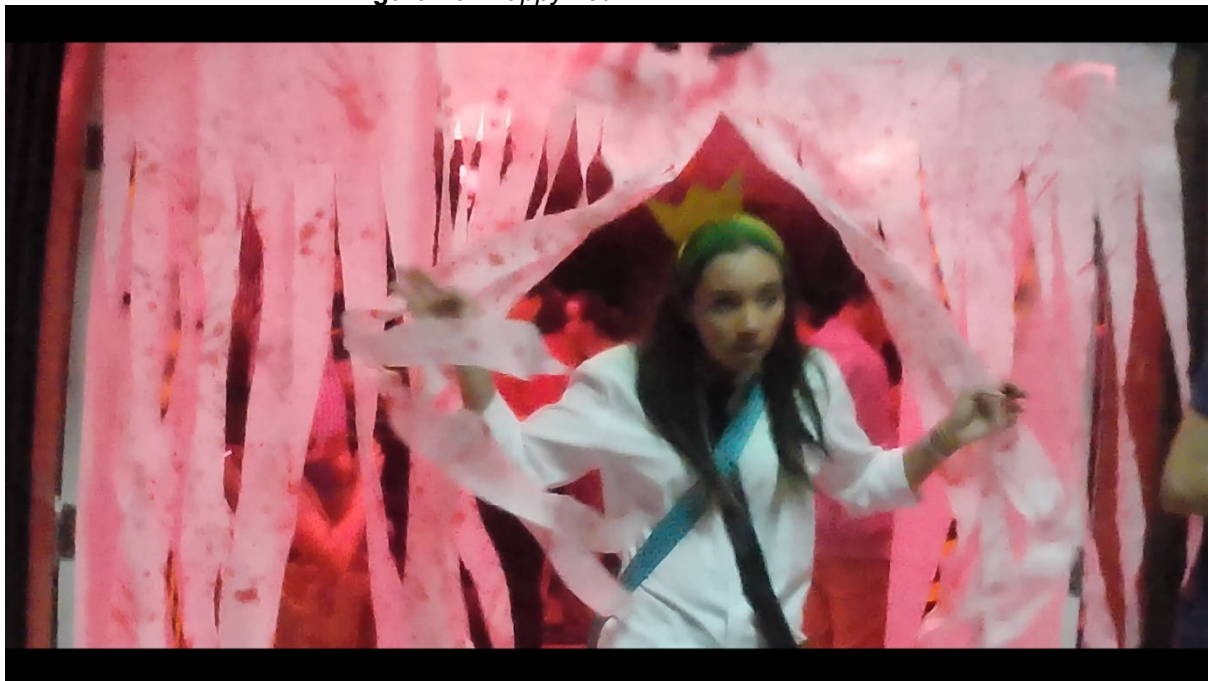
Conforme o clipe desenrola, são vistas diversas plantas diferentes, mas separadas em ambientes isolados com isopor, todas estas dentro de uma espécie de estufa.

31/10/2024 – Neste dia, o Beco Elétrico, um “movimento cultural independente”, uniu-se ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UnB e realizou a calourada, evento enraizado na cultura da Universidade de Brasília que mudou constantemente ao longo do tempo.

Costumeiramente, as calouradas acontecem em uma quinta-feira, dia típico dos *happy hour* da Universidade de Brasília – evento também que faz parte do repertório cultural deste ambiente. Neste, a comunidade acadêmica e qualquer pessoa que tiver interesse – afinal, a UnB e seus corredores são públicos –, reúnem-se para celebrar.

As 10 filmagens realizadas neste dia foram produzidas com uma câmera portátil acoplada no peito do filmador. Por necessidade, uma vez que os eventos geralmente lotam uma área específica e, para retratar a sensação de viver este ambiente, necessitou-se de se emaranhar com os universitários nesta folia. Assim, uma câmera portátil facilita o deslocamento e até previne possível queda ou dano que uma filmadora mais pesada poderia acarretar.

Figura 10 - *happy hour* temático: Halloween



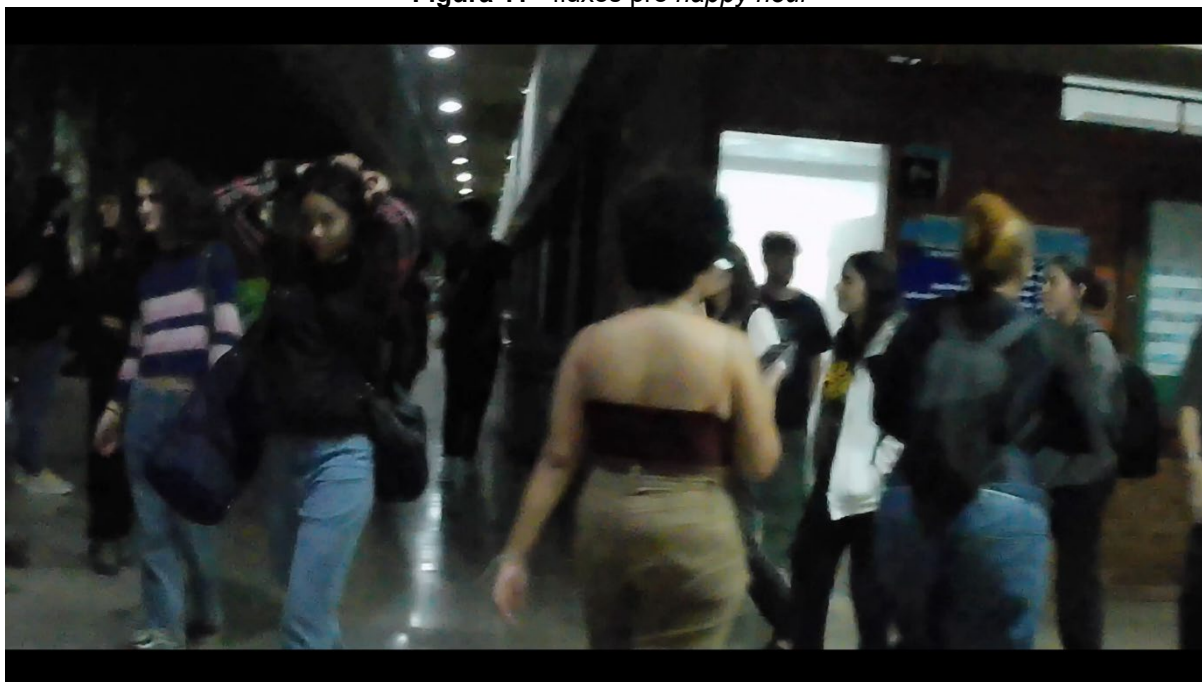
Fonte: arquivo pessoal

Um dos melhores planos deste dia é “*happy hour* temático: Halloween”. O dia de gravação caiu exatamente no dia do Halloween – 31 de Outubro,

coincidentemente, quinta-feira. Para melhorar, neste dia também aconteceu a primeira calourada do semestre. Ou seja, foi uma soma de fatores que resultaram em um *happy hour* extremamente movimentado e cheio de pessoas fantasiadas. Como é o caso de uma pessoa fantasiada, muito provavelmente, de Cosmo, personagem de Padrinhos Mágicos.

Outro plano de destaque deste dia é “fluxos pro *happy hour*”. Como o nome diz, aqui se retrata o fluxo de pessoas em direção aos *happy hour* que aconteciam neste dia. O realizador contou apenas dois eventos neste sentido, um acontecendo dentro da sala que está logo atrás das cortinas abertas pela pessoa na figura acima e o outro, a calourada que aconteceu no Ceubinho, organizado pelo DCE.

Figura 11 - fluxos pro *happy hour*



Fonte: arquivo pessoal

A qualidade da câmera, a necessidade de estar imerso no momento e as pessoas maiores que o ambiente, já que o momento único de calourada faz parte da história pessoal de cada pessoa ali se divertindo, faz com que este dia seja focado na abordagem do *modo performático*.

05/11/2024 – Neste dia aconteceu o 30º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília e 21º Congresso de Iniciação Científica do Distrito Federal, com exposição de banners e apresentação de trabalhos voltados para as áreas de Saúde e vida. Estudantes que estiveram trabalhando em algum projeto de Iniciação Científica da UnB ou do Distrito Federal e desenvolvem pesquisa relacionada a essas

áreas puderam expor seu *banner* e, em seguida, discorrer sobre seu trabalho para um (ou mais) avaliador.

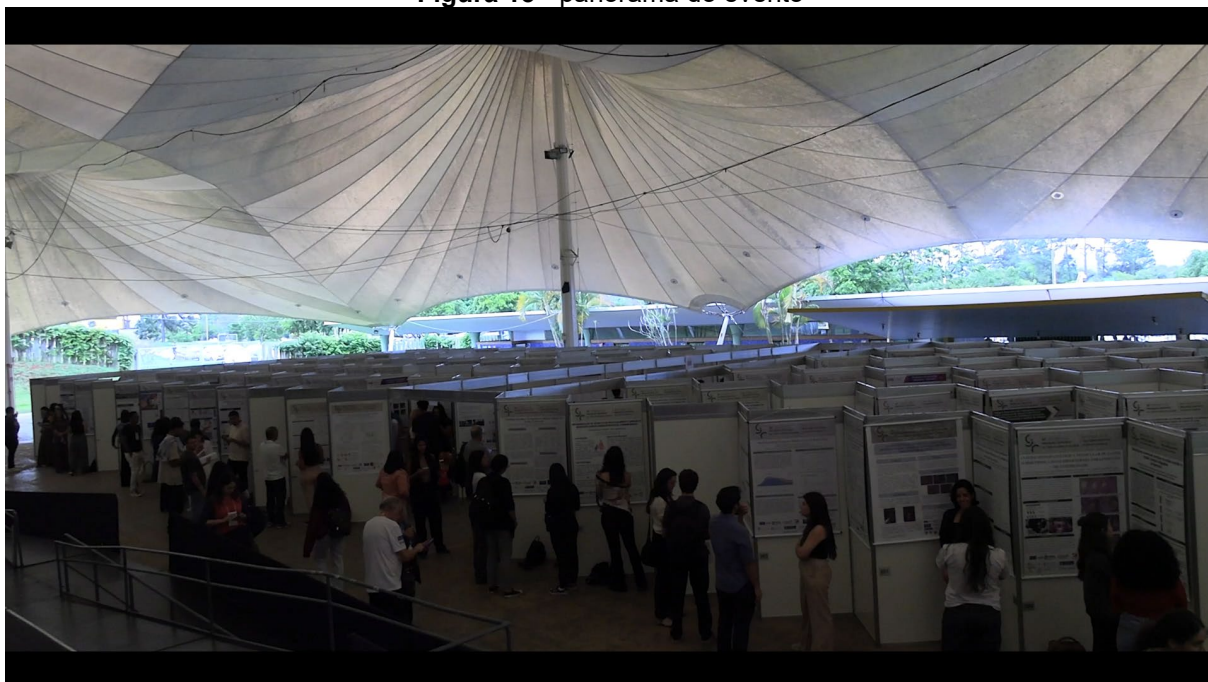
Um plano destaque deste dia é “chuva no Centro Comunitário”. Neste, pode-se ver pessoas abrigadas de algumas gotas de chuva no Centro Comunitário Athos Bulcão, um espaço da UnB onde costumam ocorrer eventos. É perceptível também a estrutura montada especificamente para as atividades de Iniciação Científica. Pessoas conversando, pesquisadores iniciantes explicando seus trabalhos, avaliadores examinando, familiares, amigos, curiosos, fluxos e, ao canto esquerdo da imagem, uma bandeira da UnB.

Figura 12 - chuva no Centro Comunitário



Fonte: arquivo pessoal

Outro plano destaque deste dia de gravação é “panorama do evento”. Para gravar este plano, o realizador subiu em um palco montado ao lado da bandeira da UnB que pode ser vista na figura anterior. De uma altura elevada, filmou-se um panorama breve do evento, onde é perceptível a grande quantidade de *banners* e pessoas, o desenho das estruturas montadas e a divisão de ambientes. Importante citar que cada *banner* está devidamente numerado para facilitar a localização de alguma pesquisa específica de interesse de qualquer pessoa que ali passar. Afinal, o espaço é público.

Figura 13 - panorama do evento

Fonte: arquivo pessoal

06/11/2024 – Nesta semana específica, ocorria a Semana Universitária da Universidade de Brasília, semana na qual, as atividades normais acadêmicas abrem espaço para atividades diversas. Exposição de fotografias com temáticas singulares, palestras, congressos, eventos esportivos, experimentações científicas ao vivo, debates literários, etc. são alguns dos eventos e atividades que ocorrem durante a semana universitária.

O plano “objetos em movimento” retrata o laboratório experimental de física sem estar sendo utilizado neste momento, embora houvessem pessoas ali. Entretanto, nenhuma delas parecia estar envolvida com quaisquer objeto e/ou experimento do laboratório, apenas utilizando o espaço para descanso ou outra finalidade. O curioso é que, apesar de não estar acontecendo nenhuma atividade no momento da gravação, há dois objetos em movimento que chamam atenção.

Outro plano que merece destaque neste dia de gravação se chama “a verdade”. Pode-se ver cinco colunas horizontais que compõem o teto do ICC da Universidade de Brasília e, em cada uma dessas colunas, há um grafite de algo escrito.

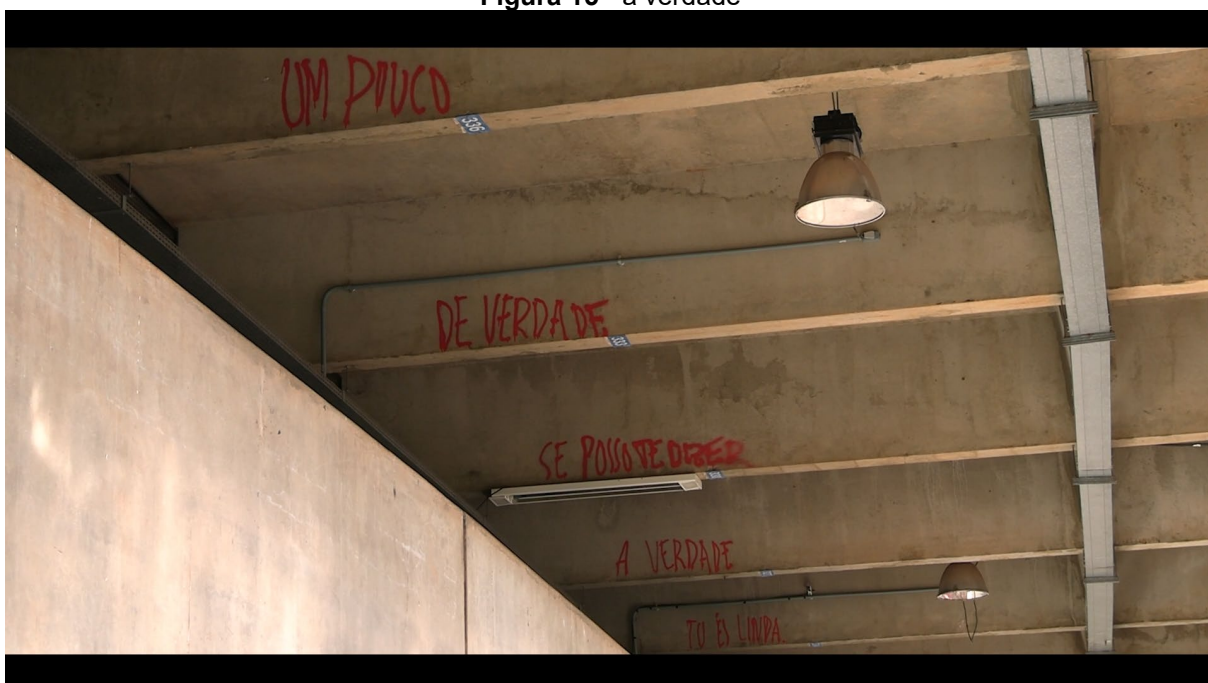
Figura 14 - objetos em movimento



Fonte: arquivo pessoal

Os grafites estão em vermelho e compõem a seguinte frase “Um pouco de verdade se posso te dizer a verdade tu és linda”.

Figura 15 - a verdade



Fonte: arquivo pessoal

12/11/2024 - Neste dia, ao relembrar de um dos locais mais bonitos de toda a Universidade de Brasília, a Reitoria, o realizador do documentário decidiu que as filmagens seriam focadas na região intermediária deste ponto. Isto inclui a Biblioteca

Central da Universidade de Brasília (BCE), o Memorial Darcy Ribeiro (Beijódromo), o bosque adjacente ao ICC centro e ICC Sul e regiões do estacionamento da Reitoria.

Um plano bastante interessante deste dia é a “maquete da UnB”, um esboço da UnB visto de cima. Há uma pequena sujeira no plástico que protege a maquete e é possível também ver o reflexo do realizador. Conforme o plano se desenrola, sua opacidade é reduzida e dá entrada ao ato 3.

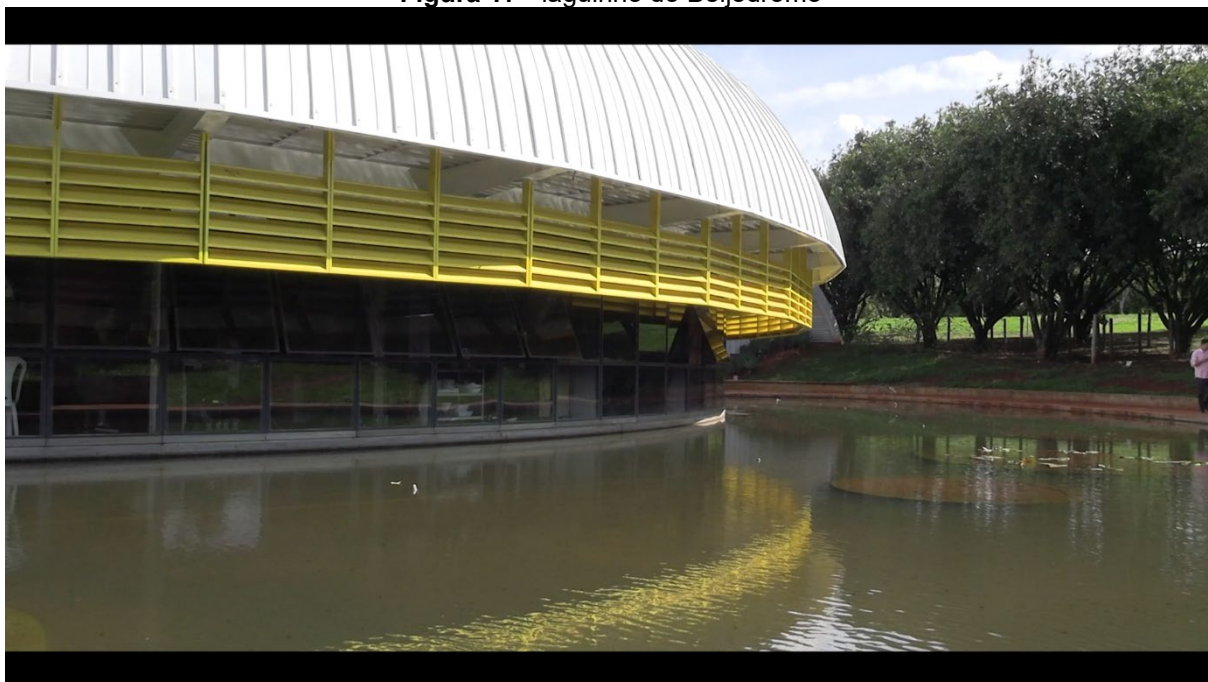
Figura 16 - maquete da UnB



Fonte: arquivo pessoal

Além deste, o plano “laguinho do Beijódromo” é destacado. Neste, pode-se ver a estrutura física do Beijódromo ao lado do lago, preenchendo quase que toda parte esquerda da imagem. Na porção direita, árvores preenchem o espaço. É notável também a presença de uma pessoa caminhando para fora do quadro e uma folha que boia e navega pela água, podendo ser confundida até mesmo com um pato ou outra criatura viva aquática.

Figura 17 - laguinho do Beijódromo



Fonte: arquivo pessoal

Outro plano de destaque gravado nesta diária se chama “carro e parede vermelha”.

Figura 18 - carro e parede vermelha



Fonte: arquivo pessoal

O nome é bem literal e retrata exatamente o que acontece nas imagens. Quem assiste ao documentário presencia uma estrutura construída em meio a um dos vários bosques da UnB. A atenção é puxada para um carro que passa, entrando no lado

direito e saindo ao lado esquerdo do enquadramento. O plano encaixa-se perfeitamente no ato 1.

13/11/2024 – Este dia foi dedicado a gravar outros pontos de puro interesse estético do realizador: a região intermediária da Concha Acústica do Instituto de Artes, o Centro de Excelência em Turismo (CET) e a Faculdade de Educação (FE).

Começando pela Concha Acústica, local com grafites belíssimos, em meio a grandiosas árvores, algo que segue muito bem o ideal de Universidade de Brasília que o realizador gostaria de retratar: uma junção entre estruturas construídas, bosques e expressões artísticas, tais como o grafite. O plano “passarinho da Concha Acústica” representa muito bem este ideal. Aqui, é possível ver um pássaro caminhando em uma estrutura à frente da Concha Acústica. O plano encerra assim que ele levanta voo e sai do enquadramento.

Figura 19 - passarinho da Concha Acústica



Fonte: arquivo pessoal

O Centro de Excelência em Turismo é uma estrutura da Universidade de Brasília que destoa muito da estética do ICC, maior prédio da UnB. Nem mesmo o Instituto de Biologia, o Instituto de Química e a Reitoria, que são construções com diferenciais estéticos de se apreciar, são tão diferentes e únicos como o CET. O CET parece uma pousada aconchegante e agradável no meio da UnB. Isto é representado no plano “trabalhador do CET”. Neste, o espectador vê um trabalhador jogando uma

tora de madeira junto a outras, enquanto é possível ver uma das estruturas do CET ao fundo e uma placa do CET com uma pequena árvore cobrindo.

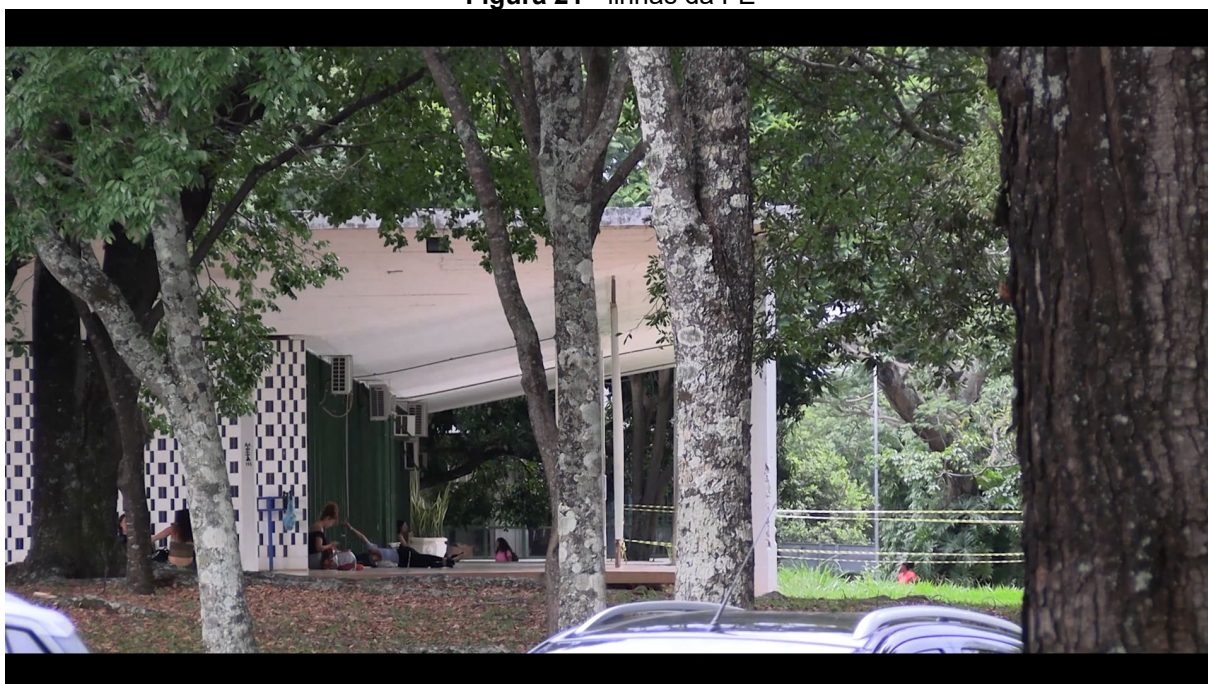
Figura 20 - trabalhador do CET



Fonte: arquivo pessoal

A Faculdade de Educação (FE) possui em sua estética azulejos marcantes e chamativos.

Figura 21 - linhas da FE



Fonte: arquivo pessoal

Não à toa, o plano escolhido, “linhas da FE” para este memorial e gravado neste dia, revela um pouco dos azulejos, embora a grande maioria do plano seja voltado para composição do enquadramento. É perceptível dois carros, várias árvores, muitas plantas, os referidos azulejos, pessoas em momento de descanso e também transeuntes que saem do lado direito para o esquerdo do enquadramento.

19/11/2024 – Foi um dos dias com menos gravações. Destas, as que estão aqui descritas no memorial foram feitas com celular. O foco específico deste dia era coletar imagens do Restaurante Universitário (RU). Dois planos feitos neste dia merecem destaque.

“Espiral do RU” é uma estrutura bastante peculiar. Como o nome diz, é uma estrutura em espiral que fica ao lado do RU, entre o restaurante e o ICC. Em vários anos como estudante de Universidade de Brasília – mais de cinco – nunca vi qualquer pessoa subindo nesta estrutura. Por vezes, o acesso estava aberto, por vezes fechado. Para fins deste trabalho, esta estrutura serve como um belo enquadramento.

Figura 22 - Espiral do RU



Fonte: arquivo pessoal

Neste dia também, o plano “caminhos do RU” ganha destaque. Nele, pode se contemplar um pouco do ambiente interno do RU: a entrada superior, alguns bancos e escadas que dão acesso aos refeitórios. É possível ver também algumas pessoas se alimentando, enquanto outras estão chegando ao ambiente.

Figura 23 - caminhos do RU

Fonte: arquivo pessoal

27/11/2024 – Assim como a data anterior, neste dia, pouquíssimas gravações aconteceram, apenas três, e todas compõem o documentário. Essas filmagens foram feitas pelo celular. O realizador foi para UnB com intuito de encontrar cenas que entrassem no ato 4, o ato mais intenso do curta e também o ato que mais segue ideais do modo *performático*, justamente pelo realizador querer transmitir de maneira mais aproximada possível a sensação de viver eventos culturais retratados no filme. Era uma quarta-feira de noite, sendo assim, o objetivo era gravar momentos da Batalha da Escada.

O plano “batalha e arte” retrata pessoas acompanhando a batalha de rima que acontecia e, ao mesmo tempo, ao fundo e ao centro da imagem, pessoas balançando fitas. Este plano retrata bem a multiplicidade de coisas possíveis em um mesmo ambiente. Embora o foco do evento seja a Batalha da Escada, pessoas utilizam o Teatro de Arena para ensaiar seus movimentos.

Figura 24 - batalha e arte

Fonte: arquivo pessoal

Também fazendo parte de planos presentes no ato 4 e gravados neste dia, “plateia da batalha” revela uma plateia que está atenta no evento tradicional de quarta-feira pela noite na Universidade de Brasília.

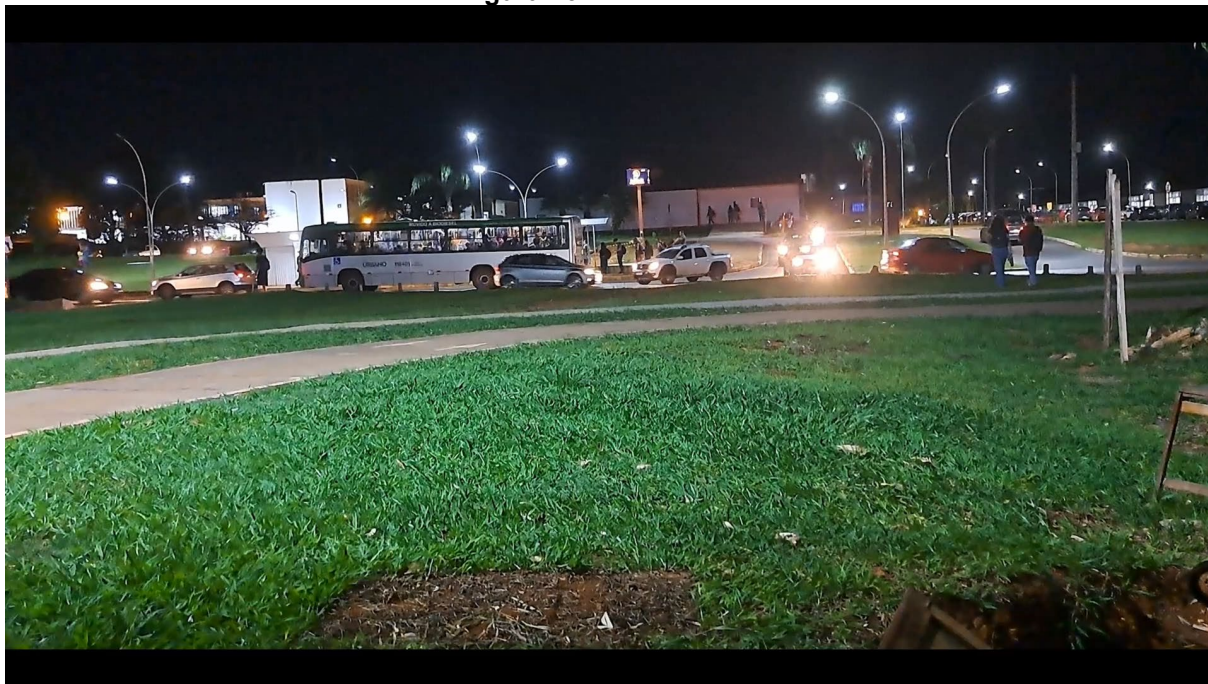
Figura 25 - plateia da batalha

Fonte: arquivo pessoal

“Saída intensa” é o nome da outra gravação feita neste dia. Este plano acompanha o fluxo de um ponto bastante movimentado. É possível perceber a lotação

do ônibus, que se mantém na parada aguardando a entrada de estudantes, funcionários, etc. A fila é tão grande que o plano começa, desenvolve e acaba e ainda assim o ônibus sequer se move. Carros passam, pedestres caminham, mas o tempo não é suficiente para que o ônibus abasteça todas pessoas que aguardavam na parada.

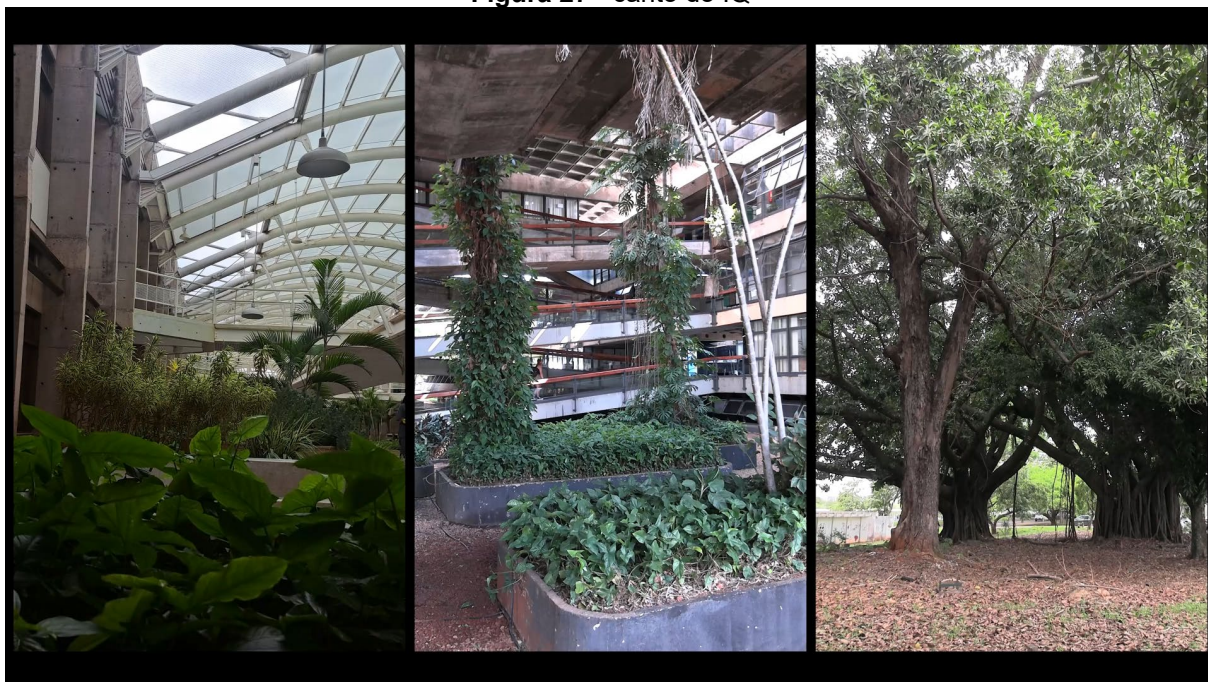
Figura 26 - saída intensa



Fonte: arquivo pessoal

04/12/2024 – Assim como na data anterior em que o realizador foi para a UnB fazer gravações, o dia 4 de dezembro de 2024 foi outra diária na qual apenas três gravações foram feitas. Esta, dentre todas as diárias, foi a única em que o planejamento inicial não era gravar. O documentarista estava na Universidade de Brasília neste dia específico com outros fins. Todavia, por estar no Instituto de Química (IQ) – um dos locais mais bonitos da UnB na opinião do realizador –, decidiu fazer as gravações.

Um plano gravado em celular pela vertical, chamado de “canto do IQ” acompanha o contraste entre plantas, abaixo, e a estrutura física do IQ, acima. Desse modo, o plano vai ao encontro com ideais do realizador de passar uma imagem de local no qual as estruturas humanas e as obras da natureza se emaranham. Junto deste plano, vemos outros dois, que foram utilizados para construir a imagem a seguir. “Canto do IQ” é a imagem vertical que está na esquerda da figura.

Figura 27 - canto do IQ

Fonte: arquivo pessoal

Outro plano gravado no IQ neste dia e que merece destaque chama-se “fonte do IQ”.

Figura 28 - fonte do IQ

Fonte: arquivo pessoal

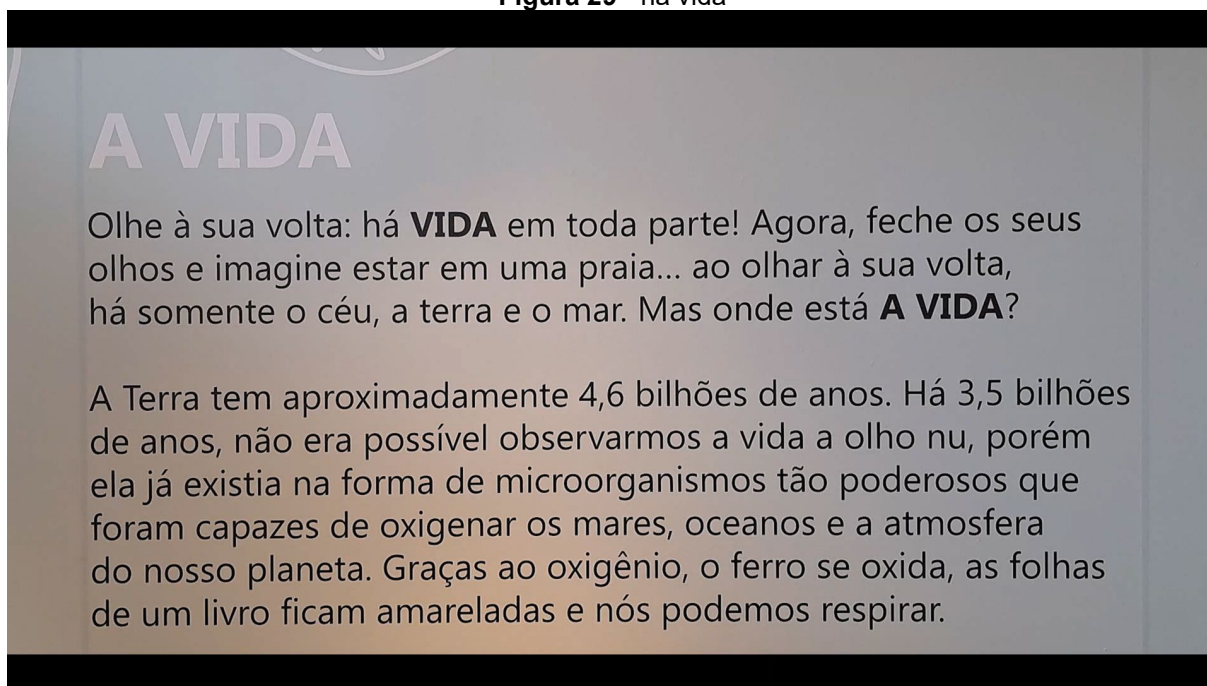
Nele, é possível ver uma fonte de água, uma rampa em curva, a beleza do IQ com uma junção harmoniosa da arquitetura do local com as plantas que o compõem. Mais ao canto direito do plano, nota-se uma plaquinha de aviso que o piso está

molhado/escorregadio, enquanto que, no canto esquerdo, nota-se algumas poças de água. Ao centro, um pequeno corpo d'água formado pela fonte.

12/12/2024 – Neste dia o objetivo era exclusivamente regravar um plano que foi feito no dia 06/11/2024. Chamado de “há vida”, o plano foi idealizado pelo realizador como abertura do ato 2, no momento em que o documentarista bateu o olho na parede contendo informações sobre exposição no Museu de Geociências da Universidade de Brasília.

Inicialmente, as imagens estavam trêmulas e continham um zoom que dificultavam a leitura de quem assiste ao documentário, apesar de a leitura completa e com qualidade das informações deste plano não se inserirem na estética ideal do realizador, uma vez que o importante mesmo é a brincadeira com as expressões “há vida” e “a vida”.

Figura 29 - há vida



Fonte: arquivo pessoal

Apesar do objetivo específico para esta diária, o movimento no Ceubinho chamou atenção do realizador para novos planos. Um destes ganha destaque. Apelidado de “Ceubinho movimentado” o plano acompanha diversas pessoas caminhando em uma das principais entradas do Instituto Central de Ciências. A quantidade de informações em tela é essencial para construção de um ambiente dinâmico e que contém múltiplos focos narrativos, que vai de encontro com a essência de sinfonias urbanas.

Figura 30 - Ceubinho movimentado



Fonte: arquivo pessoal

16/12/2024 – A primeira parte desta diária teve como objetivo específico gravar movimentações de ônibus, pedestres e carros que passavam pela UnB.

Figura 31 - dois ônibus



Fonte: arquivo pessoal

O intuito desta primeira parte é construir o ato 1, ato no qual apresenta-se fluxo de chegada à UnB, principalmente pelos ônibus.

O plano “dois ônibus” um dos maiores orgulhos do realizador, mostra, inicialmente, a entrada (ou saída, depende do ponto de vista) do ICC norte. Um ônibus chega e ocupa parte do enquadramento, mas sem cobrir a estrutura física do ICC norte. Mais tarde no plano, outro ônibus chega e também ocupa parte do enquadramento, novamente deixando vista para a estrutura física da UnB. Assim, forma-se uma imagem que parece ter sido ensaiada, por conta do enquadramento dela.

A abertura do documentário também foi gravada neste dia. “Chegada à UnB” é o nome do plano que retrata uma pista, com ponto mais longe desta no canto superior esquerdo da imagem e ponto mais perto da pista no canto inferior direito. Pode-se ver um ônibus que se aproxima da imagem e, nele, tem-se escrito “UnB”. O ônibus é o 0.110, uma das principais linhas do Distrito Federal para chegar no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília.

Figura 32 - chegada à UnB



Fonte: arquivo pessoal

A segunda parte da diária foi acertada com um operador de *drone*, Nicolau Otero Couto (@the.eye.drone no Instagram). Imagens aéreas da Universidade de Brasília foram escolhidas necessárias para mostrar ainda mais a relação estética entre natureza e construção civil e, também, para ambientar uma vista mais geral do campus Darcy Ribeiro. A primeira delas é um passeio aéreo pelo Centro Olímpico

(CO) da Universidade de Brasília. Este plano está no terceiro ato do curta e foi apelidado de “passeio aéreo pelo CO”.

Figura 33 - passeio aéreo pelo CO



Fonte: @the.eye.drone

A segunda filmagem idealizada para *drone* é um passeio que sai do meio termo entre a Reitoria e a BCE e vai até o RU.

Figura 34 - passeio Reitoria RU

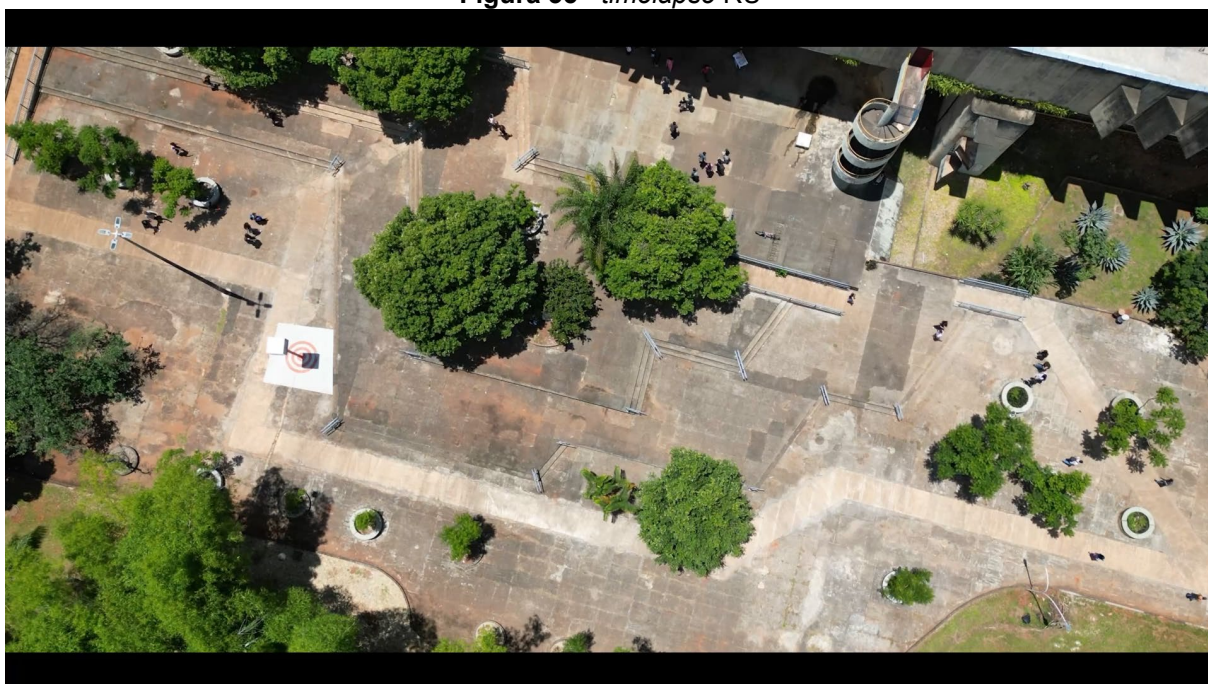


Fonte: @the.eye.drone

Este plano faz fusão com o “maquete da UnB” através de uma transição. “Passeio Reitoria RU” é um dos planos de maior orgulho do realizador.

A terceira ideia com drone foi fazer um *timelapse* de vista aérea da entrada inferior do Restaurante Universitário. Foi acertada a gravação por volta das 11h50 até 12h20, um dos horários com maior movimento de entrada e saída do RU (a partir de uma percepção empírica do realizador). O foi apelidado de “*timelapse* RU”.

Figura 35 - *timelapse* RU



Fonte: @the.eye.drone

23/12/2024 – Este dia particularmente foi um dos mais interessantes de se gravar. Era a noite do primeiro dia de recesso estudantil para festas de final de ano na UnB. Segunda-feira, 19h40 aproximadamente, pouquíssimas pessoas na Universidade, ao menos, olhando por fora. Alguns seguranças, uma senhora que alimentava os gatinhos, alguns pedestres e eu. Pouquíssimos carros também. Na verdade, em mais de dez semestres de Universidade de Brasília, foi a primeira vez que me deparei com este ambiente tão vazio.

O objetivo específico deste dia era gravar cenas de encerramento do curta. Movimento final, após um dia inteiro de atividades, trabalhadores, estudantes e transeuntes vão embora deste ambiente para seus respectivos destinos.

“Ônibus solitário” é um plano que representa bem isso. Um ônibus passa por uma Universidade vazia e segue seu rumo. Não parou na parada, não desceu nem subiu ninguém, apenas passou por ali.

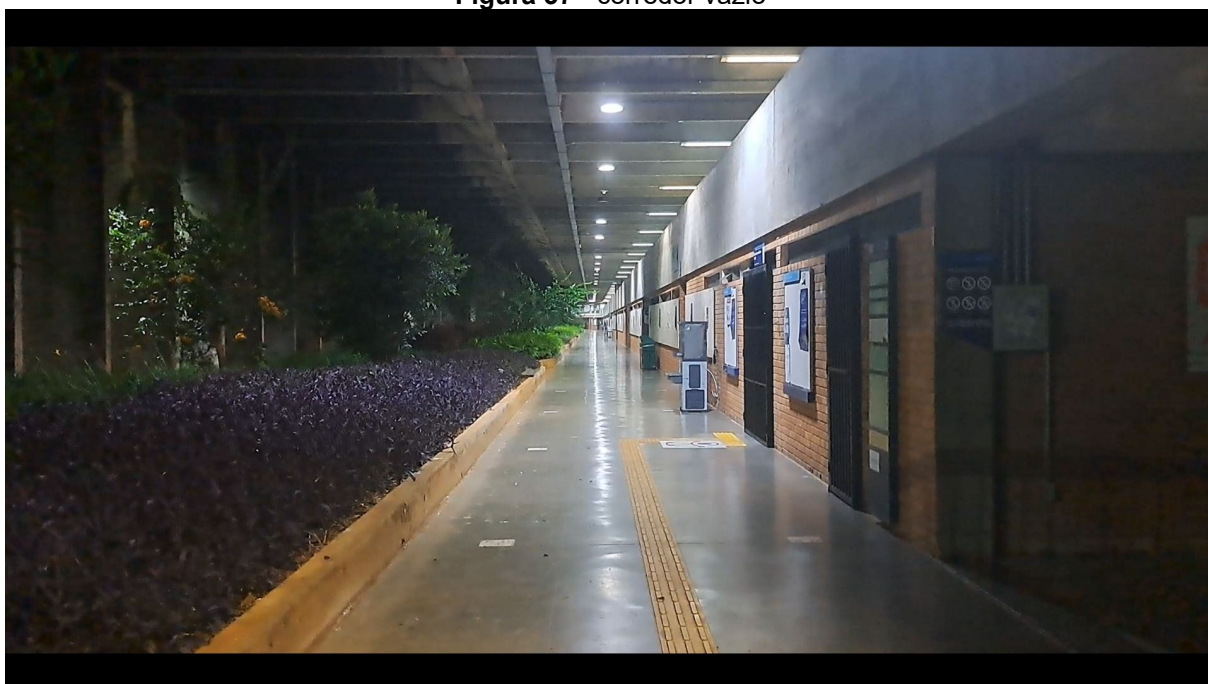
Figura 36 - ônibus solitário



Fonte: arquivo pessoal

“Corredor vazio” também segue a linha de uma UnB vazia e sem movimento.

Figura 37 - corredor vazio

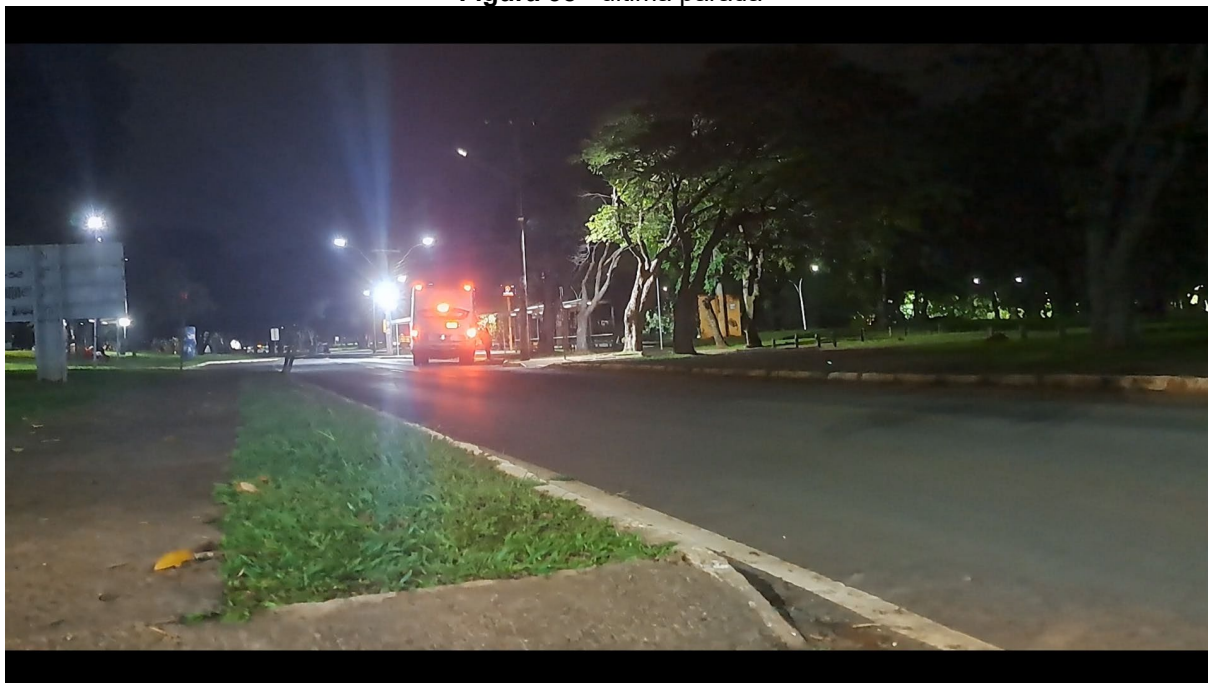


Fonte: arquivo pessoal

Este local, o mesmo pelo qual passei no dia 31/10 para chegar no Centro Acadêmico que promovia uma festa à fantasia, estava completamente vazio. Nenhum movimento, ninguém, apenas o realizador gravando o filme.

“Última parada” é o nome do plano que dá encerramento ao documentário. Nele, a parada de ônibus que vemos no início do filme é novamente mostrada, no entanto, o enquadramento, o ângulo, o horário, tudo é diferente. Neste momento, vê-se o ônibus no sentido contrário ao que observamos na abertura do documentário. No plano de início, é mostrado uma pessoa descendo, já em “última parada”, mostra uma única pessoa subindo no ônibus.

Figura 38 - última parada



Fonte: arquivo pessoal

3.2.1 *Imagens cedidas*

Por meio da difusão do perfil no *Instagram* da página @unbenosdoc e do formulário destinado a enviar filmagens, o documentário *UnB e nós* seguiu ideais do documentário contemporâneo brasileiro, ao abrir espaço para que estudantes, professores, quaisquer pessoas envolvidas nas atividades da UnB pudessem enviar seu ponto de vista sobre absolutamente qualquer aspecto dentro do espaço físico desta universidade.

Apesar da divulgação em grupos de *WhatsApp* da Universidade de Brasília, compartilhamento assíduo de amizades íntimas e familiares do realizador em divulgar a ideia do filme e como participar deste, pouquíssimas imagens foram recebidas. O formulário não recebeu uma única resposta, enquanto que, por outro lado, algumas amizades enviaram imagens que puderam ser utilizadas no documentário.

A maioria das imagens cedidas e utilizadas foram enviadas por Patrick de Oliveira, é ex-estudante da Universidade de Brasília e, segundo Patrícia Bezerra, a ponte entre o realizador e Patrick, um vivente nato da vida noturna da UnB. De fato, das imagens recebidas por Patrick, todas são de momentos de vivência de *happy hour* e/ou calourada.

Figura 39 - HH junino



Fonte: Patrick de Oliveira

O plano acima, apelidado de “HH junino” (não é possível afirmar se de fato este evento aconteceu em período de festa junina, embora a decoração do local leve o realizador a acreditar nisso), mostra um momento de folia entre estudantes, em ambiente aparentemente cheio no subsolo do ICC.

Figura 40 - sinuquinha no CA



Fonte: Leona Gaia Dionísio

Outro plano dentre os recebidos foi enviado por Leona Gaia Dionísio, uma amiga muito querida que se dispôs a procurar nos *stories* arquivados do *Instagram* uma filmagem que aconteça na UnB. Feito, o plano foi apelidado de “sinuquinha no CA” e representa um centro acadêmico da UnB com pessoas socializando, algumas delas jogam sinuca.

3.3 Pós-Produção

Segundo Soares, é na etapa de montagem de documentários em que o documentarista terá controle da representação do filme (Soares, 2007, p. 163). Neste momento, ocorre a roteirização do filme, mesmo que o documentário não tenha roteiro escrito e bem definido no papel, como é o caso de *UnB e nós*. “O roteiro virá impresso na maneira como este se apresenta ao espectador, será marcado pelas escolhas do documentarista que definem as imagens e os sons do documentário” (Ibid.). Para ele, mesmo documentários feitos por diários filmados, filmagens aleatórias – como é o caso de *UnB e nós* – o “material de filmagem terá obrigatoriamente que se encaixar dentro de uma estrutura discursiva com começo, meio e fim” (Ibid., p. 164).

No subcapítulo 3.1, foi descrito como se pretende narrar este documentário, os 5 atos. Cada ato reflete a forma como este filme foi montado. Inicialmente, o realizador

possuía o ímpeto de utilizar duas músicas neste documentário. Não importava em quais atos elas estariam, apenas sabia-se que elas seriam utilizadas. São dois *covers* de piano feitos pelo canal no *Youtube* *SLSMusic* de músicas que fizeram parte da infância do realizador: são elas: “Maple Story – Hot Desert” e “Maple Story – Sunset Desert”. Obtive autorização pelo canal para utilizar ambas as músicas no documentário.

O processo criativo de montagem deste documentário se deu basicamente da seguinte maneira: escolhia-se uma música específica para cada ato. O ato 2 ficou com “Hot Desert”, enquanto que o ato 3 “Sunset Desert”. Os atos 1 e 5 tiveram como música escolhida “Trenzinho do Caipira”, de Heitor Villa-Lobos – a música foi cortada para fins de edição, a porção inicial dela adequa-se mais ao ato 1, ato de chegada das pessoas à UnB e abertura do filme, enquanto que a porção final adequa-se mais ao ato 5, ato de saída das pessoas da UnB e encerramento do documentário. O ato 4 teve como trilha sonora escolhida a versão instrumental da música “Orquestra Maldita”, dos autores TRASHXRL e Mc Delux, esta música é de escolha adequada ao ato, uma vez que ela poderia muito bem tocar durante os *happy hour* ou calourada e, ainda, ter sua versão instrumental para guiar a batalha de rima da Batalha da Escada.

A escolha artística do realizador, então, tem como ponto de partida a decisão das músicas. Após ela ser determinada ao ato, são selecionadas as imagens que melhor se encaixam na visão estética de sinfonias urbanas e documentários que seguem modo *poético* e *performático*, a partir da interpretação do documentarista.

Será descrito, a seguir, como se deu o processo de montagem de cada ato, levando em consideração principalmente a questão de intensidade específica trazida no subcapítulo 3.1 e sua relação com imagem e som.

O ato 1, ato que teve como idealização inicial ser pouco intenso, possui menos de 15 planos e, entre eles, transições com efeitos que fazem parte do acervo do aplicativo *Adobe Premiere Pro 2025*.

A música de abertura do filme, Trenzinho do Caipira, foi segmentada para adequar-se ao ato. A marcação para transição entre um plano e outro foi feita a partir da música, quando um som semelhante aos sinos de trem adentra na música.

Conforme a faixa de Villa-Lobos se desenvolve, mais instrumentos e mais intensidade é acrescentada, para acompanhar o som, a imagem também aumenta de intensidade conforme a música. Antes, planos que eram estáticos passam a ter movimento, imagens que eram lentas passam a ser rápidas.

O ato encerra com um plano apresentando espécie de estufa que fica ao lado do estacionamento do Instituto de Biologia. A ideia de usar esse plano para encerrar ato 1 é dar pistas sobre como será o ato 2, ato este focado em apresentar mais a natureza não humana da UnB.

O ato 2, idealizado como o segundo mais intenso do curta, possui como estéticas principais retratar vidas não humanas da Universidade de Brasília e suas possíveis relações com o espaço geográfico do *campus* Darcy Ribeiro. A grande maioria dos planos mostra pássaros, gatinhos, árvores, arbustos, flores e possui corte seco como forma de transição entre as filmagens. Neste ato, é introduzido artifício de escolha artística do realizador: juntar três imagens verticais para preencher o quadro do filme e seguir, assim, ideais de sinfonias da metrópole relacionados a dinamismo e multiplicidade de eventos, além da utilização de novas tecnologias para compor documentários.

A música escolhida para guiar as imagens do ato 2 foi “Hot Desert – Maple Story” versão *cover* por SLSMusic. A música é animada e remete ao realizador simplicidade e dinamismo, mas dinamismo controlado e adequado à proposta de mostrar a natureza não humana em contraste com a natureza humana, que fazem parte do dia a dia da UnB. Conforme a música se desenvolve e se aproxima do encerramento do ato, imagens de humanos se fazem mais presentes.

Contendo mais de trinta planos em sua composição, o ato 2 encerra com filmagem de maquete do *campus* Darcy Ribeiro que está localizada na Reitoria da UnB. A música transiciona junto da imagem, conforme a filmagem da maquete perde opacidade e a música perde seu volume até ficar inaudível – efeitos estes realizados no *Premiere Pro 2025* – uma das filmagens de *drone* toma conta da imagem e a música referente ao ato 3 toma conta do som.

O ato 3, idealizado para ser de intensidade média e apresentar relações de fluxos humanos com o espaço natural e geográfico da UnB, possui como música “Sunset Desert – Maple Story” versão *cover* por SLSMusic. A música, originalmente pertencendo ao mesmo universo temático de “Hot Desert”, é de menor intensidade e tem maior lentidão em seu desenrolar. A imagem de abertura do ato, um *drone* que retrata uma viagem aérea desde o bosque entre a Reitoria e a BCE até o Restaurante Universitário, harmoniza adequadamente com o início da música. Em seguida, vê-se um *timelapse* de pessoas no pátio localizado entre o RU e o ICC.

A mudança entre planos neste ato foi feita utilizando a mesma estratégia do ato 1: efeitos próprios do programa de edição usado pelo realizador do documentário. Desse modo, com transições suaves, segue ideal de menos intensidade.

Contendo aproximadamente trinta planos em sua composição, este ato tem seu ápice de intensidade aproximadamente no meio para fim da música e, consequentemente, a imagem apresentada revela momentos de alto fluxo na UnB, com pessoas caminhando, conversando, atividades acadêmicas, grafites e exposição de trabalhos universitários.

O encerramento do ato se dá a partir do momento em que a música toma tom mais melancólico. Paralelamente, as imagens do filme exibem imagens que estão de acordo com essa ideia: primeiro, um plano no subsolo do ICC com grafite que diz “a saudade só é bonita na poesia” e, em seguida, um plano que mostra uma poça d’água em formato que se assemelha a um coração e goteira caindo nela. A música se encerra, a imagem fica em tela preta e então o ato 4 entra.

O ato 4, o mais intenso do curta, apresenta aspectos da cultura de lazer noturna da Universidade de Brasília. Em menos de um minuto, o ato apresenta algumas opções de lazer da UnB. Jogos digitais, sinuca (atividades não exclusivamente noturnas), *happy hour*, calourada e Batalha da Escada são atividades retratadas neste ato.

O ato se inicia com um corredor vazio do subsolo e as imagens vão alternando conforme a batida da música. Quando o tempo da batida acelera, as imagens passam então a se sobrepor umas nas outras, além de ter suas propriedades alteradas para alcançar um efeito visual *performático* e mais adequado dentro da visão estética do realizador. Com marcação de tempo na opacidade, mudança nas curvas de nível, mudança nas cores da imagem, efeitos esses proporcionados pelo *Adobe Premiere Pro*, se assemelham ao ideal *performático* que o realizador desejava: retratar de maneira mais aproximada como é viver esses momentos de lazer noturno da UnB.

Este ato contém mais de 45 planos em sua composição, sendo muitos destes planos verticais colocados lado a lado para preencher a tela do filme. A utilização de efeitos, a quantidade de planos, sobreposição, mudança nos níveis e nas cores da imagem, todas essas escolhas de edição aproximam o ato 4 de ideais *performáticos* como propostos por Bill Nichols.

O encerramento do ato se dá em momento no qual a música, antes muito intensa, agora está em intensidade média. As imagens que antes eram sobrepostas,

cheias de efeitos especiais e transições com cortes secos e acelerados, agora estão mais lentas. A imagem final é em um CA contendo pessoas jogando sinuca, sentadas, conversando. Uma pessoa dá uma última tacada na bola branca e então têm-se o corte para o ato final.

O ato final, que inicia bastante intenso, para ser uma espécie de continuidade do agitado período noturno do ato 4, rapidamente tem a sua intensidade reduzida para o ato menos intenso de todo o filme.

A música do ato, os momentos finais de Trenzinho do Caipira, começa bastante intensa. Para acompanhar, a imagem mostra ponto de ônibus muito movimentado na UnB. Há pedestres, carros e luzes em todos cantos do quadro. O único ponto fixo é um ônibus que aguarda a entrada de todos passageiros para seguir viagem. O fluxo de passageiros é tão grande que o plano se encerra e ainda assim nem todos conseguiram subir no ônibus.

Logo após esse plano, a música abruptamente diminui de intensidade, até atingir um nível baixíssimo. As imagens, para acompanhar este ideal, mostram uma UnB em período noturno, com quase nenhuma pessoa nas filmagens – essas gravações foram feitas no período de recesso de final de ano, o que resultou em um ambiente fantasmagórico, com sinais de vida animal quase nulos.

Ao longo de aproximadamente um minuto e meio, menos de 10 planos diferentes são mostrados, o que retrata muito bem o ideal de baixíssima intensidade do ato. Nestes planos, são retratados corredores vazios, pistas vazias, paradas de ônibus vazias, com alguns ônibus que passam, por vezes.

O encerramento do ato e do filme se dá no mesmo local que começou, todavia, quem assiste ao filme vê isso de um ângulo diferente. Se no início a filmagem mostra o ônibus se aproximando da câmera, no final, a imagem mostra o ônibus se afastando da gravação. Há uma única pessoa aguardando o meio de transporte e, ao encerra-se o filme.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinfonias urbanas são uma das primeiras formas de expressão que a sociedade encontrou nos anos iniciais após a invenção e difusão de câmeras filmadoras, os eventos que convergem para tal – aumento da dinâmica globalizada, expansão de grandes cidades e linhas férreas, junto ao próprio aumento de artistas que desejaram se aventurar no cinema –, resultam no movimento ou gênero cinematográfico que ficou conhecido por este nome. O apreço gigantesco que o realizador possui pela Universidade de Brasília, sua área verde em contraste com área construída, seu plano pedagógico e arquitetônico são motivos de admiração e transformar alguns destes pontos em documentário foi a melhor forma possível de encerrar um ciclo de graduação.

Após três meses de filmagens – tendo em vista que, nos dois meses finais de gravações, o processo de produção e pós-produção não teve uma divisão muito bem elaborada. Haja vista que, enquanto filmagens voltadas para um ato específico já haviam sido feitas, estas podiam muito bem começar a ser encaixadas na dinâmica pensada para cada ato: uma música inicialmente é escolhida e as imagens são encaixadas de acordo com a melodia, harmonia, alguma batida específica, etc. Para otimizar de melhor maneira possível o tempo, enquanto uma manhã estava dedicada a editar imagens já gravadas, a tarde deste mesmo dia era dedicada a gravar mais conteúdo.

Os modos *poético* e *performático* propostos por Nichols foram referenciados na maneira de gravar e editar este documentário, ao considerar que diálogos, narrativa em *voice-over* e outras formas estéticas mais associadas a documentários tradicionais ou de outros modos não fizeram parte deste filme ou não são parte significativa da estética deste documentário. Assim, utilizar músicas como trilha sonora exclusiva estão de acordo com os modos trazidos no início deste parágrafo. A edição do ato 4, o ato mais intenso do curta, utiliza-se de efeitos especiais e de replicação de imagens, além de cortes secos que acompanham muito bem as batidas da música. Estes seguem ideais do modo performático e visam trazer de forma mais aproximada o que é viver os momentos de lazer, principalmente, do período noturno da UnB, sob o ponto de vista do realizador. Embora há uma tentativa de afastamento do realizador de *UnB* e *nós* com a obra, para seguir ideais *poéticos*, estéticas *performáticas* estão inevitavelmente incrustadas no filme, como a escolha de locais a serem gravados (a

grande maioria por apreço estético, portanto há visão específica de mundo na decisão); apesar disso, não há imagens interiores a Faculdade de Comunicação da UnB, embora esta esteja devidamente representada nas noções técnicas e estéticas do realizador.

A ética modesta está presente em todo o documentário, pela escolha de temática e também utilização de impressões fugazes do mundo, como proposto por Fernão Ramos.

Além disso, elementos do documentário contemporâneo brasileiro como utilização de diversos equipamentos, técnicas de captação e imagem e edição foram incorporados ao produto final. Todavia, um elemento central e importante deste tipo de documentário, a voz do outro, acabou não sendo incorporada da maneira desejada pelo realizador. Menos de um minuto de imagens são cedidas; sugere-se então em trabalhos futuros que desejam utilizar esta linguagem maior preocupação com estratégias para que pessoas que frequentem/vivem a UnB enviem imagens para quem estiver realizando um documentário.

O resultado final é uma curta documentário de aproximadamente 12 minutos, dividido em 5 atos, cada qual busca trazer asserções específicas sobre um âmbito da UnB, seja sua natureza não humana, seja a relação entre espaço geográfico e espaço natural, sejam as vivências culturais deste espaço. *UnB e nós* é o primeiro projeto totalmente dirigido e idealizado pelo realizador; e, uma ode à UnB.

5 REFERÊNCIAS

ARBORIZAÇÃO. **Secretaria de Meio Ambiente da UnB**, Brasília, 2022. Disponível em: <<https://sema.unb.br/coordenacao-de-areas-verdes-cav/arborizacao-menu>>. Acesso em: 20 de dez. de 2024.

MARTINS, Paola Caliar Ferrari. ICC: a grande estrela na celebração dos 61 anos da UnB. **UnB Notícias**, Brasília, abril de 2023. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/artigos-main/6485-icc-a-grande-estrela-na-celebracao-dos-60-anos-da-unb>> Acesso em: agosto de 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 3ª ed. Campinas – SP: Papyrus Editora, 2016.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmas o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar Ed., 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo – SP: Editora Senac São Paulo, 2008.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo – SP: Summus, 2004.

MARTINS, Fernanda Aguiar Carneiro. Film-Photo – um Século de Sinfonias de Metrópole. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020

VASCONCELOS, Thaís Itaboraí. **Sinfonias Urbanas e suas Reverberações Contemporâneas**. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2022.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

6 FILMOGRAFIA

BERLIM – Sinfonia da Metrópole. Direção de Walter Ruttmann. Alemanha: Deutsche Vereins-Film, 1927.

BOHEMIAN *Rhapsody*. Direção de Bryan Singer e Dexter Fletcher. Estados Unidos, Reino Unido: 20th Century Fox, 2018. Netflix

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002.

O Jogo da Imitação. Direção de Morten Tyldum. Estados Unidos, Reino Unido: Black Bear Pictures, 2014.

O Prisioneiro da Grade de Ferro. Direção de Paulo Sacramento. São Paulo: Olhos de Cão, 2003.

PACIFIC 231. Direção de Jean Mitry. França: Tadié Cinéma, 1949.

REC. Direção de Jaume Balagueró e Paco Plaza. Espanha: Filmax, 2007.

SOMENTE as Horas. Direção de Alberto Cavalcanti. França: Néo Films, 1926.

UM Homem com uma Câmera. Direção de Dziga Vertov. União Soviética: Vseukrainske Foto Kino Upravlinnia (VUFKU), 1929.

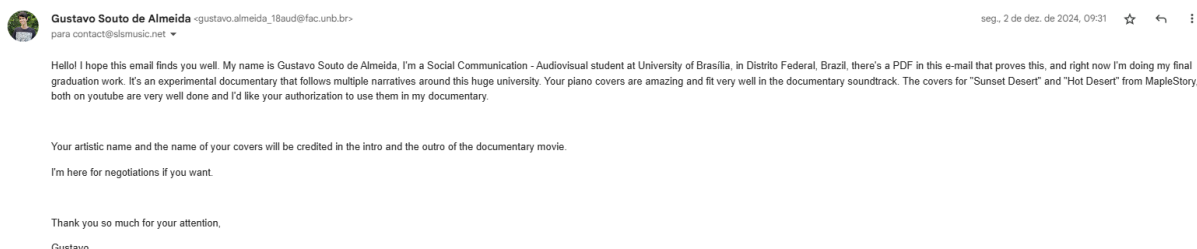
VALSA com Bashir. Direção de Ari Folman. Israel, França, Alemanha: Bridgit Folman Film Gang, 2008.

24 Dollar Island. Direção de Robert Flaherty. Estados Unidos, 1927.

7 APÊNDICES

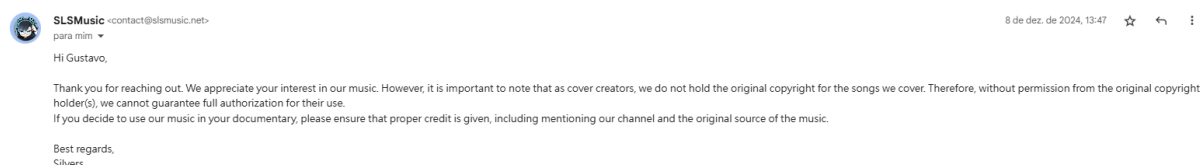
7.1 Solicitação e autorização para uso de músicas do artista SLSMusic

Figura 41 - E-mail solicitando autorização para utilizar as músicas de SLSMusic



Fonte: arquivo pessoal

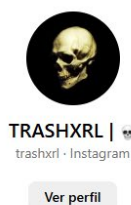
Figura 42 - E-mail resposta de SLSMusic



Fonte: arquivo pessoal

7.2 Solicitação para uso da música *Orquestra Maldita* do artista TRASHXRL

Figura 43 - Direct solicitando autorização para utilizar a música de TRASHXRL



02/12/2024 09:15

Olá! Espero que esta mensagem lhe encontre bem. Me chamo Guga Souto de Almeida, sou um estudante de Comunicação Social - Audiovisual pela Universidade de Brasília (posso lhe enviar um pdf que comprove isso), e, neste momento faço meu TCC. O trabalho é um documentário experimental que narra vivências diversas nesta Universidade, e, em determinado momento, a música de vossa autoria "Orquestra Maldita" encaixa perfeitamente no documentário. Gostaria então de solicitar que eu possa utilizar a versão instrumental dessa música no meu trabalho. O artista será creditado na abertura e no encerramento do documentário, caso a autorização seja gratuita. Desde mais, agradeço desde já e estou aberto a negociações.

Atenciosamente, Guga.

Fonte: Arquivo Pessoal

7.3 Link do documentário

<https://drive.google.com/drive/folders/1optVCu98GVNfYZtl4q5UBOOw5HNZ0WoI?usp=sharing>